ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 26

Lisboa 16 de Janeiro de 1927

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4$00

VERAMON

Se sofre de dôres é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coracão. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

SCHERING · SCHERING

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

Beleza Perduravel

Beleza excepcional de contorno e acabamento — espaçosa comodidade — funcionamento extremamente suave.

Eis as qualidades caracteristicas do Sedan Especial Dodge Brothers, distinto tambem pela mesma rija construção e perfeito desempenho que tanto têm concorrido para a fama dos automóveis Dodge Brothers desde o seu aparecimento.

É incomparavel para quem deseja possuir um automóvel fechado, luxuoso, fresco no verão, devido á sua bem distribuida ventilação, ainda que abrigado da poeira, e agasalhado no inverno, perfeitamente resguardado da chuva e das intemperies.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA
1, Avenida da Liberdade

PORTO
21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Novo Atlas Universal

DE

Geografia e Historia

POR

J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH

(Nova edição actualisada)

16 mapas de Geografia Geral.
27 mapas relativos a Portugal e suas colonias.
34 mapas de geografia particular dos Estados.
4 mapas de geografia economica.
36 mapas de Historia Universal.
14 mapas da Historia de Portugal.

No total de 131 mapas diferentes explendidamente gravados e coloridos

Um volume encadernado . 50$00

O mais barato e o mais completo de todos os ATLAS escolares nacionais e estrangeiros

. . . . . .

PEDIDOS AOS EDITORES:

Livrarias Aillaud e Bertrand

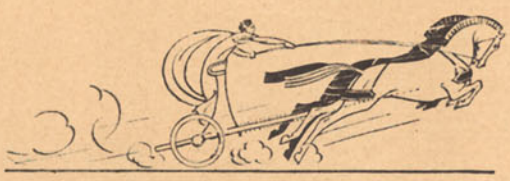
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

AUTOMOBILISTAS!!!

Nem só um bom **OLEO**

ou só uma boa **GAZOLINA**
podem fazer o motor arrancar bem

É INDISPENSAVEL A COOPERAÇÃO **DE AMBOS**



Não tem vantagem alguma o emprego de uma gazolina de facil inflamação em cilindros colados por oleos que não suportem o frio.

Egualmente nenhum oleo, por melhor que seja pode fazer arrancar rapidamente o motor se a gazolina não carburar com o motor frio.

Usai pois uma gazolina rica em materias volateis assim como um oleo que conserve a sua fluidez a baixas temperaturas.

Empregai a combinação dos produtos que a SHELL vos oferece e tereis a certeza de que os vossos motores arrancarão com facilidade.

SHELL

GAZOLINA E OLEOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

NOVIDADES LITERARIAS
Novos livros para Creanças

Biblioteca Infantil

. . . .

Acabam de publicar-se
e já estão á venda

O que Canta o Pintassilgo

(SERIE B — N.º 4)

Jane Bensaude
e Agostinho de Campos
ESCREVERAM

Raquel Roque Gameiro Ottolini
e Emmerico Nunes
ILUSTRARAM

O Romance das Ilhas Encantadas

(SERIE C — N.º 3)

JAYME CORTESÃO
ESCREVEU

ROQUE GAMEIRO
ILUSTROU

Cada volume brochado . . 6$00
Encadernado . . . . . 10$00

. . . .

Pedidos aos Editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

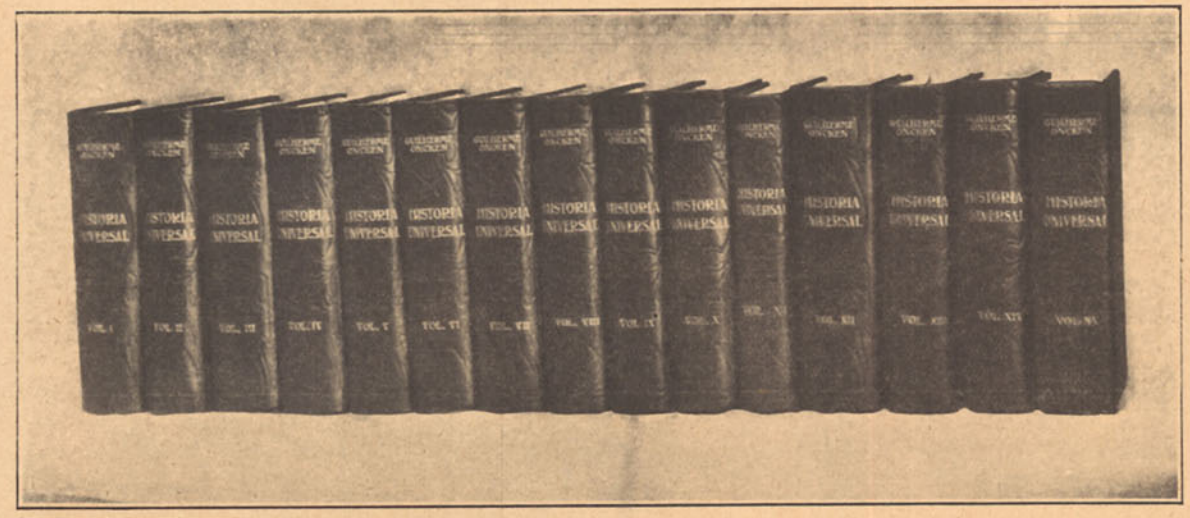
Leiam todos

O O

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS

Unico no seu genero em Portugal

OBRA MONUMENTAL

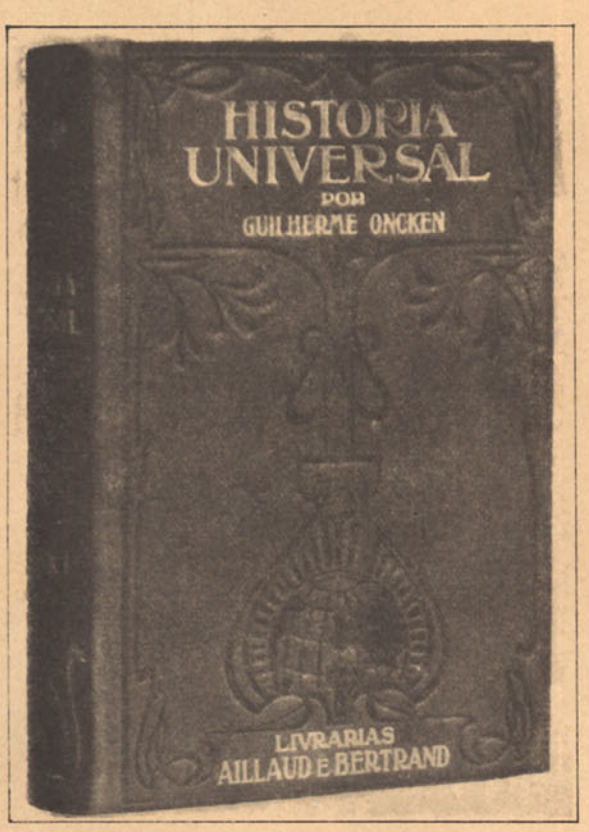


HISTORIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais scientifica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em explêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.°. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.



Já publicados:

91 tomos = 15 volumes.

10 °/. de desconto

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes duma só vez

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65$00
Cada tomo, br.	8$00
Encadernação por cada vol.	25$00
Capas para a encadernação	15$00

Pedidos aos editores: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABAM DE APARECER

NOVAS EDIÇÕES

Vicente Blasco Ibañez

A Catedral

(4.ª edição)

Jesuitas

(3.ª edição)

A Cortezã de Sagunto

(3.ª edição)

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PETROLEO

M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANT, L.da*

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

MATERIAL E TRACÇÃO

ARMAZENS

Fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação

No dia 25 do corrente pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão do Material e Tracção Geral, (edificio de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1927,

O Director Geral da Companhia — (a) *Ferreira de Mesquita*

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

A partir de 15 de Janeiro de 1927 e até aviso em contrário, ás remessas a transportar nas linhas desta companhia são aplicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições:

Em grande velocidade:

a) Os transportes funebres e remessas de metálico ou valores, criação e animais vivos, gêlo, leite, caça morta e carnes frescas, mariscos e pescaria fresca, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flôres frescas (cortadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreva a Tarifa Geral (seu art. 58.º e § unico) para as remessas de grande velocidade.

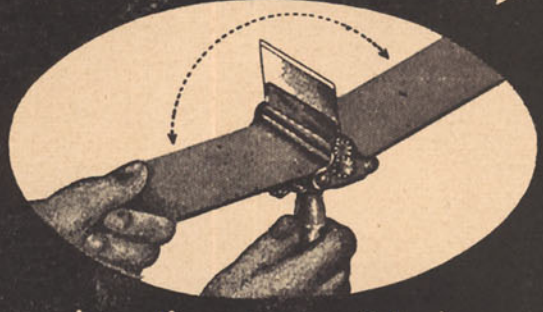
b) Qualsquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alínea *a)* serão transportadas em prazo que não poderá ir além de 24 horas por cada fracção indivisivel de 150 quilómetros de distância a percorrer, não se contando neste prazo o dia da expedição nem o da entrega.

Em pequena velocidade: As remessas serão transportadas num prazo que não deve exceder 48 horas para a primeira fracção indivisivel de 50 quilómetros, e de 24 horas para cada uma das seguintes fracções de 75 quilómetros não se contando neste prazo o dia da expedição e o da entrega.

O presente anula e substitui o Aviso ao Público A n.º 58 de 5 de Março de 1923.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1927. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despezas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1.º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundas um fio finissima sem haver necessidade de retirar a lamina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.

2.º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economisando continuas despezas de laminas novas.

3.º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desaparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

O Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Agencia Oficial **LINCOLN - FORD - FORDSON**

OREY LIMITADA

R. 24 DE JULHO, 42 A 42-C — LISBOA

Chama a vossa atenção para o anuncio publicado na capa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 26

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE JANEIRO DE 1927

DR. WASHINGTON LUÍS

NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

CRÓNICA DA QUINZENA

Recrudesce a febre de emigração, que é, apenas, como tôdas as febres, sintoma e não doença, muito embora teimem em considerá-la doença os curandeiros que, sem diploma de competência, exercem ou pretendem exercer a medicina social.

A questão demográfica é um dos aspectos mais interessantes do problema social, e o fenómeno da emigração é um dos elementos em que pode e deve decompor-se essa questão, mais do que outra qualquer vasta e complexa, para devidamente ser compreendida e estudada. Medidas repressivas da emigração de ordem policial, como se de um crime ou delito se tratasse, é muito fácil decretá-las; mas a sua execução oferece muitas dificuldades, e a sua legitimidade carece de ser provada.

Admitamos, desprezando pequenas diferenças, que a área do País é de noventa mil quilómetros quadrados e que a sua população é de seis milhões de habitantes. Temos, pois, que a nossa densidade de população é insignificante, representada por êste número—66, não fazendo caso das décimas. Além de ser escassa, a nossa população é mal distribuida, tão mal distribuida que no Alemtejo para cada quilómetro quadrado há apenas dezoito habitantes. Como sucede nas demais Províncias, há no Alemtejo muitos terrenos insusceptíveis de cultura; mas os incultos que podem ser cultivados representam uma área a que deveria corresponder uma população específica, pelo menos igual à do Minho ou Douro. Geralmente, quando se fala de terrenos incultos, alude-se a todos os terrenos em que se não faz cultura de qualquer espécie, sem ter em consideração que terras há que se não podem cultivar, por ser nula ou excessivamente reduzida a sua aptidão cultural. A exploração agrícola tem de ser remuneradora, económicamente lucrativa, ou então a agricultura, como disse Mariano de Carvalho, é pura e simplesmente a arte de empobrecer alegremente.

Como quer que seja, a tristíssima verdade, o facto que dolorosamente temos de constatar, porque se impõe com a fôrça ou a brutalidade da mais irrecusável evidência, é êste — o País não tem a população que devia ter para devidamente se explorar o seu solo, cheio de possibilidades de riqueza.

Sendo assim, o que representa a nossa emigração, na inquietante proporção em que se faz desde há longos anos?

Um país que tem população em excesso, como a Alemanha antes da guerra, como o Japão de há meio século a esta parte, precisa fazer emigrar alguns milhares dos seus habitantes, sobretudo se o seu solo é pobre, embora seja rica a sua indústria. Estava naturalmente indicado que a Alemanha, quando tinha colónias, mandasse para lá os seus emigrantes, realizando assim uma expansão da raça, tornando muito maior a Metrópole, sem que a dispersão geográfica lhe fizesse perder a unidade política. O Japão, falho de colónias, manda os seus emigrantes para tôda a parte onde não se escusem a recebê-los, preferindo a América do Norte a qualquer outro país se o *yankée* não lhe fechasse a porta a cadeado e ferrôlho. Actualmente o nipónico demanda em grandes levas o Brasil, mostrando tendências e desejos a fazer da Amazónia uma colónia japonesa.

A emigração da Espanha e da Itália, Países da nossa raça, é um fenómeno patológico, como a emigração portuguesa, porquanto nestes Países não há excesso de população, e os seus incultos susceptíveis de cultura representam uma área de milhões de hectares. Os latifúndios, que em Portugal já pouco mais são que um enfeite retórico para uso de economistas palreiros, na Espanha são uma flagrante realidade, havendo proprietários que manteem incultas superfícies de milhares de hectares só para aí caçarem lebres, coelhos e perdizes. Que nós saibamos, ainda se não deu começo de realização, na Itália, a um plano de colonização interna, da autoria de Nitti, financeiro ilustre e muito ilustre estadista.

Pois bem; na emigração para o Brasil, e é esta a que particularmente nos interessa, êstes três Países—Portugal, Espanha e Itália—são os que entram com maior quota, sendo o nosso coeficiente emigratório igual ou superior à soma dos outros dois.

Em 1925 da Espanha foram para o Brasil 10.062 emigrantes e da Itália 9.846, ou seja um total de 19.908. De Portugal, no mesmo ano, foram 21.508.

Num período de dezassete anos, contados de 1908 a 1924, saíram da Espanha para o Brasil 257.628 emigrantes, e da Itália, no mesmo período, 227.453, o que perfaz um total de 485.081.

De Portugal, no transcurso dêstes dezassete anos, saíram para o Brasil, quási todos do Minho e Beiras, 524.305 emigrantes.

Mesmo durante a guerra, em que a Espanha não tomou parte, conservando uma neutralidade que umas vezes, conforme as suas conveniências de tôda a ordem, violava em favor dos alemães, outras vezes violava em favor dos aliados, mesmo durante a guerra nós mandámos para o Brasil maior número de emigrantes que a Espanha, e um pouco mais que o dôbro da Itália.

Os números são enfadonhos para a maior parte da gente; mas são duma eloqüência tão persuasiva, que vale a pena expô-los, ainda mesmo correndo o risco de enfadar o leitor.

Pois durante a guerra a Espanha, País neutro, mandou 50.484 emigrantes para o Brasil, e nós, País beligerante, tendo de lutar contra os alemães em África e na França, mandámos 69.832.

No ano seguinte ao do armistício, isto é, em 1919, o número de emigrantes espanhois para o Brasil foi de 6.627, o de portugueses foi de 17.068. Os espanhois, não tendo entrado na dança, claro está que não tiveram mortos nem feridos; nós tivemos alguns milhares de mortos no campo de batalha, e tivemos centenas de feridos por balas ou por gases, inutilizados, por falta de saúde, para o resto da vida.

A partir de 1919 a nossa emigração continuou a fazer-se em larga escala, sendo a média anual, até 1925, de 26.500 emigrantes.

Nos últimos dois meses do ano passado recrudesceu a febre emigratória, febre que é apenas, como tôdas as febres, um sintoma, muito embora os mezinheiros lhe chamem doença, preconizando contra ela remédios drásticos, para me servir duma correntia expressão inglesa, que não corresponde à mesma expressão em português, de significado restritamente farmacêutico.

* * *

Há muito devia estar rigorosa e scientificamente estudado o fenómeno patológico da nossa emigração, definindo-se a doença de que ela é sintoma, e instituindo-se a terapêutica racional, e não grosseiramente empírica, que pode curá-la, se é susceptível de cura. Prende-se intimamente com êste fenómeno patológico o fenómeno natural da natalidade, tão intimamente que não vale a pena considerar um sem ao mesmo tempo considerar o outro.

A população de Portugal é escassa—seis milhões de habitantes para noventa mil quilómetros quadrados de superfície.

Mas não será lícito preguntar se vale a pena, se há vantagem para a comunidade em promover um aumento de população, mantendo-se o êxodo emigratório na escala em que vem a fazer-se há muitos anos?

Dizia Jean Baptiste Say que é melhor aconselhar os homens a fazerem economias que a fazerem meninos, e num País em que os meninos de hoje serão emigrantes àmanhã, o conselho não é para pôr inteiramente de banda, como uma *boutade* de mau gôsto.

Todos os demógrafos que, à semelhança de Say, teem dado aos seus estudos sôbre a população uma base puramente económica, poderiam aconselhar, como êle, as economias em vez dos meninos, pervertendo o conceito da família, que não é completa, nem é socialmente útil, se não fôr fecunda.

O emigrante é um instrumento de trabalho; no País para onde emigra, produz riqueza. Da economia que faz sôbre os seus salários, manda uma parte para a família que aqui deixou; mas a totalidade do que lhe pagam é nada, é bem pouca coisa em comparação do que produz. Se aqui trabalhasse, e o seu trabalho fôsse devidamente pago, economizaria uma fracção maior ou menor dos seus salários, tornando-se previdente, e os valores que produzisse, ainda que indirectamente, aumentariam a fortuna pública. De resto, como diz Rageot, e como êle pensam todos os modernos economistas, o trabalho bem remunerado é favorável à raça, porque só o homem que se alimenta suficientemente, que vive em boas condições higiénicas e conserva uma florescente saúde dá as desejáveis garantias duma prole vigorosa e sadia.

Vale a pena estudar o fenómeno da emigração, determinando as suas causas, e parece-nos bem que êste estudo não será um trabalho de hércules, um trabalho que não possa fazer, mesmo sem os auxílios do Estado, um professor, um médico, um sociólogo, um economista.

Brito Camacho.

A «Ilustração» começará a publicar brevemente, uma das mais sensacionais obras de *Conan Doyle*, o romancista inglês de reputação mundial.

ACTUALIDADES

CUMPRIMENTOS DO ANO NOVO. — O Chefe do Estado, o govêrno e os membros da Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa, no edificio dos Paços do Concelho, na apresentação de cumprimentos do poder executivo à Câmara Municipal, no dia primeiro do ano

ANIVERSÁRIO DO «DIARIO DE NOTICIAS». — O sr. Rangel de Lima, o mais antigo redactor do «Diario de Noticias», lendo o seu discurso, junto ao monumento de Eduardo Coelho, um dos fundadores do mesmo jornal, no dia 29 de Dezembro, em que passou o 62.º aniversário do conceituado órgão da imprensa portuguesa, ao qual, por êsse motivo, apresentamos os nossos cumprimentos

ACTUALIDADES

DR. FELICIANO SANTOS

Foi com grande regozijo que todos os que trabalham na redacção desta revista viram ser investido nas funções de director técnico êste nosso amigo. Bem conhecido no jornalismo e teatro, teimando sempre em ocultar na sua excessiva modéstia, o seu brilhante talento e excepcionais qualidades de trabalho, é também um espírito de invulgar cultura. Com a sua proficiente direcção muito beneficiará esta revista, que no desejo de todos que nela trabalham deverá melhorar sempre de número para número. Do seu esfôrço e talento muito poderão esperar os amigos da *Ilustração*

«O CASO DO DIA» — Uma scena desta peça, original do Dr. Ramada Curto, que actualmente se representa no Teatro do Ginásio, com grande êxito. Amélia Rey Colaço tem, no papel de Carmen, uma das suas melhores criações artísticas. A nossa gravura representa os artistas Robles Monteiro, Amelia Rey Colaço e Leonor de Eça, que nesta obra vincam duma forma notável as suas aptidões scénicas, já anteriormente afirmadas com inegável brilho

SOCIEDADE ESTORIL — Assistência ao almoço oferecido ao govêrno e à imprensa, no Estoril, por ocasião da reabertura ao público dos serviços de viação eléctrica na linha de Cascais, importante melhoramento que, por motivos de fôrça maior, estava suspenso desde o verão

ADALBERTO VEIGA — O sr. Adalberto Veiga, funcionário superior dos Correios e Telégrafos, prestou ao comércio do livro e às letras portuguesas, no Congresso de Estocolmo, um inestimável serviço, apresentando as bases sôbre que pôde ser negociada a recente convenção postal e literária entre Portugal e Brasil

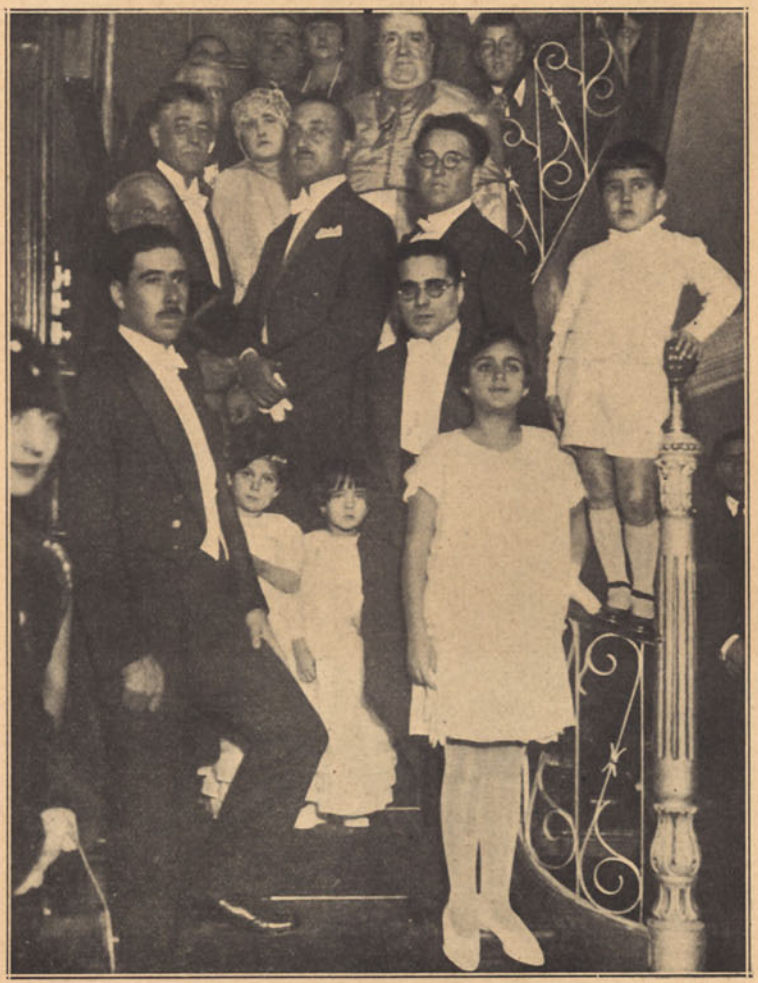
SOCIEDADE ELEGANTE

Aspecto do *reveillon*, no restaurante «A Garrett», na noite de 31 de Dezembro

Chá de caridade, realizado no Avenida Palace, na tarde do dia de Reis e promovido por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da instituição «Florinhas da Rua»

SOCIEDADE ELEGANTE

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se no dia 5 do corrente o casamento da sr.ª D. Celeste Elvira de Sousa Faria com o sr. Acácio Mêda da Silva



No dia 30 de Dezembro findo realizou-se, na residência do sr. Conde de Almarjão, o casamento de sua filha, sr.ª D. Maria Leonor da Fonseca Magalhães da Costa e Silva (Almarjão), com o distinto engenheiro, sr. Albino Neves da Costa

Na igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se, no dia 27 de Dezembro último, o casamento da sr.ª D. Regina Dulce Garraz Chalbert com o sr. Mario Ravazzini Queirós Santos

ACTUALIDADES

Na igreja de Santa Clara, do Porto, realizou-se, no dia 1 do corrente, o casamento da sr.ª D. Maria Judite de Azevedo com o sr. Alberto Marques Aguiar, sendo celebrante o sr. bispo-coadjutor de Lamego

Visita dos srs. ministros do Comércio, da Guerra e da Instrução á fábrica da Vista Alegre. — Artistas dos teatros Aguia d'Ouro e Sá da Bandeira, do Porto, que no dia de Natal, no sanatório Rodrigues Semide, exibiram vários números de canto e recitação na presença dos internados

No paço episcopal portuense foi distribuido, no dia de Natal, um bodo aos pobres, vendo-se, á esquerda, o sr. Bispo do Porto, com alguns contemplados e á direita as senhoras e cavalheiros que fizeram a distribuição

DESPORTOS

FOOT-BALL

O XXII LISBOA-PORTO

O foot-ball da capital obteve mais uma brilhante vitória marcando nitidamente a sua superioridade sôbre o grupo representativo do Porto.

O desafio realizou-se êste ano no Porto, no magnífico campo do Ameal, tendo o grupo lisboeta triunfado pelo elevado score de 6 bolas a 1 e perante a maior assistência que até hoje se tem registado em desafios realizados na capital do Norte.

Lisboa venceu brilhantemente e ainda que, o número de bolas não traduza bem a superioridade dos jogadores lisboetas, a vitória alcançada foi absolutamente nítida e justa. Os seleccionadores devem estar satisfeitos do trabalho do nosso onze pois que, se bem que a têcnica do foot-ball que produziram não fôsse perfeita, houve contudo bastante equilíbrio, ligação e conjunto entre as diferentes linhas do «team». Outro factor que quanto a nós muito influiu na vitória obtida, foi a melhor constituição física dos jogadores de Lisboa, que neste ponto suplantaram nitidamente os seus adversários.

A selecção de Lisboa, vencedora do encontro

Uma colossal saída de Siska evita um remate quási certo de Severo

Apreciando o encontro pode-se dizer que o primeiro tempo foi de sensível equilíbrio, a pesar de ter terminado com o resultado de 4 bolas a 1 a favor de Lisboa; o segundo tempo porêm foi de absoluto domínio do onze da capital e se o número de bolas marcadas foi apenas de 2, isto deve-se em parte à infelicidade com que jogaram e sobretudo à falta de remate que ainda existe na nossa linha de avançados.

A nossa linha de médios foi mais uma vez o ponto forte do team, defendendo bem e ajudando muito os avançados. A defesa jogou bem sendo Pinho o melhor dos três.

Esperavamos muito mais do jôgo dos portuenses, tanto mais que êles eram os primeiros a julgarem a sua superioridade, no que aliás em parte tinham razão.

O seu foot-ball, foi para nós uma verdadeira desilusão, sobretudo no ataque, onde não existia um único jogador que soubesse «shootar»; isto foi quanto a nós a causa da grande derrota que sofreram.

O público foi correcto aplaudindo, mas como aliás é natural, as jogadas dos jogadores portuenses. Apraz-nos registar aqui êste facto, tanto mais que somos grandes partidários dos encontros inter-regionais, que a nosso ver contribuem grandamente para o desenvolvimento do foo-ball, concorrendo também muito para o seu aperfeiçoamento.

Um aspecto da numerosa assistência

GREGÓRIO e CRISTOVÃO LOPES

Aparição de Cristo à Virgem

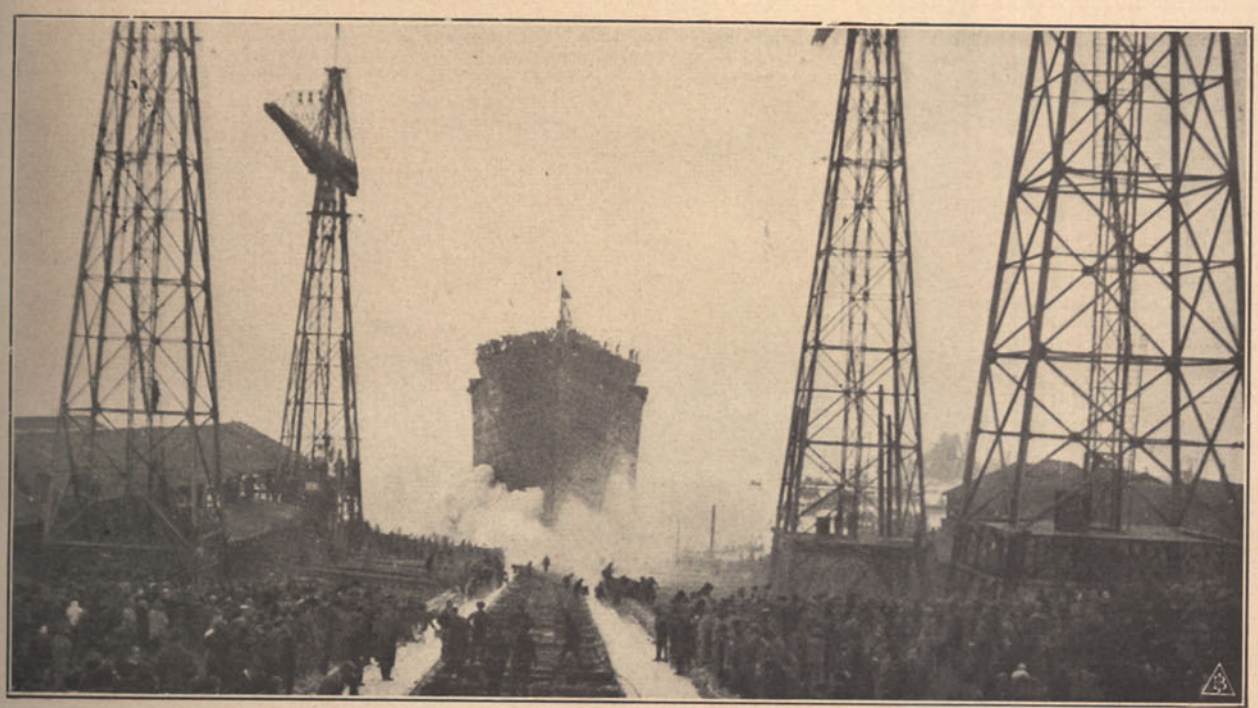
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

PELO MUNDO FORA

GENEBRA — Um curioso aspecto de tempestade no lago de Genebra

PARIS — O Natal no Eliseu. O presidente da República conversando com as crianças durante o lunch que lhes foi oferecido pelo Natal

PARIS — O Natal na Câmara Municipal. A árvore do Natal e algumas das crianças contempladas com brinquedos pelo Conselho Municipal



ITÁLIA — Lançamento ao mar do navio da marinha mercante italiana «Augustus» do tipo do «Roma», realizado em Sestri Ponente (Foto ENIT)

A ARTE DA DECORAÇÃO

O GABINETE DE TRABALHO

O escritor, mais ainda do que o homem de sciências ou de negócios, carece de rodear-se dum ambiente estético propício à fecundidade e expansão das suas ideas de arte, à evolução do seu espírito, à ginástica da sua imaginação.

É certo que alguns escritores e poetas, talentos vagabundos, imaginações boémias, irrequietas, enfêrmas duma eterna insaciabilidade, dum constante mal-estar, fogem sistemâticamente do meio tranquilo onde a concentração se aninha, para buscarem o tumulto dos cafés e ali, sôbre a mesa estranha, glacial, onde todos os cotovêlos se apoiam, sob o pêso do tédio, da boçalidade, ou da ligeireza envolvente, criam e modelam as suas obras literárias e poéticas.

Estes, porém, são excepções que, por isso mesmo não formam regra, e cujas obras se ressentem, quási sempre, da atmosfera em que foram geradas.

A grande maioria dos homens que trabalham intelectualmente, precisam de se isolar num recinto onde a sua alma possa vibrar e o seu cérebro receber livremente, serenamente, o influxo da inspiração.

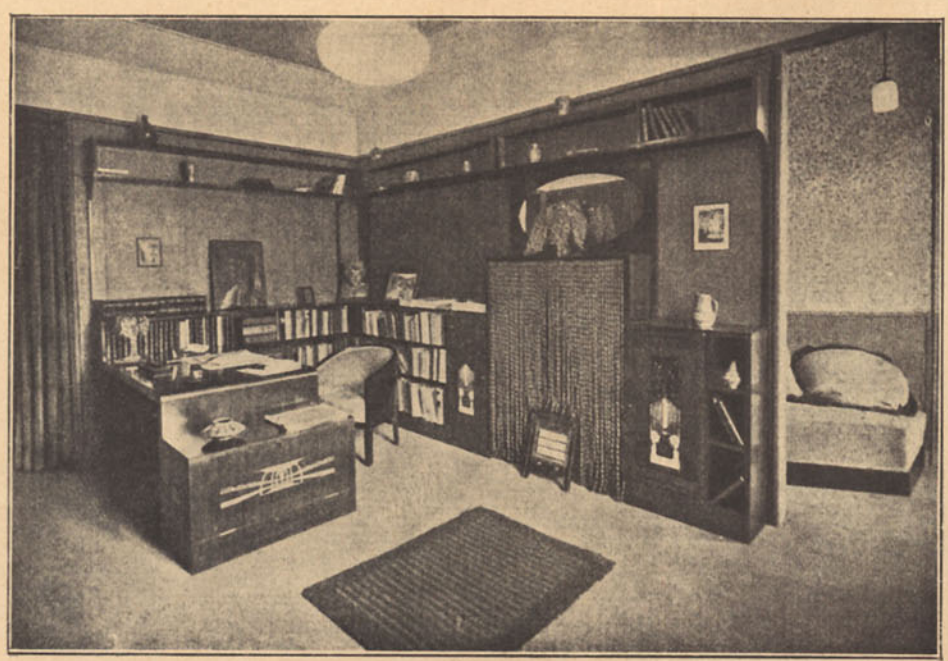
É assim que todos os espíritos sedentos de praticar a arte pela arte, de atingirem um perfeito ideal de beleza, procuram quanto possível criar à sua volta uma atmosfera harmónica, equilibrada com a sua sensibilidade e a sua psicologia.

E é assim, que fugindo quanto possível a influências estranhas que, embora interessadas em auxiliá-lo na tarefa da instalação do seu gabinete de trabalho, só muito excepcionalmente poderão sentir as suas necessidades estéticas, o escritor deve presidir à decoração do compartimento onde decorrerá a parte mais agradável da sua vida, onde o seu espírito colherá, a par das mais exaustivas fadigas, as mais gratas alegrias.

Estabelecido, pois, que um gabinete de trabalho deve, antes de mais nada, preparar ambiente favorável à inspiração e à concentração do espírito, segundo as exigências psicológicas e intelectuais, daquele que o deve habitar, vejamos para exemplo, os três gabinetes de trabalho representados nas gravuras que ilustram esta página.

O primeiro, desprezando uma excessiva severidade de conjunto, mostra-nos uma disposição graciosa de *maples* modernos, de compridas bibliotecas baixas, formando lambris cortados pelo fogão de mármore, sôbre o qual se ergue um belo quadro. Ao lado, francamente iluminada pela luz da janela, está a mesa de trabalho. O canto formado pela biblioteca, é cortado com um pequeno sofá. Na parede fronteira ao fogão vê-se um largo divan coberto com uma colcha de sêda e atulhado de almofadas. Nas paredes forradas com papel liso, pendem verticalmente grossos cordões de sêda suspendendo quadros pintados a óleo e gravuras artísticas.

Menos coquette, mas não menos elegante, é o que vemos representado na gravura inferior. A biblioteca também em forma de lambris, a mesa de trabalho, a arca que se encosta a esta, e ainda os dois cofres que ladeiam a chaminé onde o radiador eléctrico fica originalmente encoberto sob uma alta franja de contas de vidro multicôres, parecem formar uma só peça. As duas prateleiras altas albergam alguns *bibelots* artísticos. Neste gabinete, como no precedente, as portas ficam livres, sem reposteiros. Apenas no canto oposto, representado na pequena gravura ao alto da página, as paredes e as portas ficam veladas sob fartos reposteiros de veludo ou damasco que fazem fundo a uma segunda mesa de trabalho perto da qual se encontram dois maples e uma cadeira. Altos cortinados de tule, algumas carpettes, peles de tigre e almofadas dispersas pelo chão completam a guarnição dêste elegante gabinete de trabalho.



DINAMENE

A BEM-AMADA DE CAMÕES

Guilherme Storck, o mestre camonista alemão a quem se devem os mais valiosos estudos acêrca de Camões, publicados antes dos do Dr. José Maria Rodrigues, pesquisou, com método germênico, os nomes das mulheres cantadas pelo Poeta e achou, — fora os de convenção poética, como as Alcidas, as Galateas, — dezoito. Não incluiu, porém nesse copioso rol de amor, o nome da que foi em verdade a Bem-Amada de Camões, aquela que êle celebrou nos seus mais comovidos e sinceros versos, em suma: a *alma minha gentil* do soneto celebérrimo. E que na época em que o sábio alemão trabalhava, a sombra gentilissima da Bem-Amada de Camões não havia tomado o corpo que decisivamente lhe vieram a dar os achados contemporâneos, nem os documentos tinham confirmado a tradição que, aliás, através do tempo se mantivera. Foi, pois, à Bem-Amada de Camões que o Dr. Afrânio Peixoto, o distintíssimo escritor brasileiro, professor ilustre da Universidade do Rio e — titulo supremo para nós — amigo fervorosíssimo de Portugal, — dedicou o seu estudo agora publicado em edição acessível ao público — *Dinamene, alma minha gentil.*

Dinamene: eis aqui o nome, convencional ou adaptado do oriental, da mulher bela, tão dôce e tão amante, que foi para Camões a *cordeira gentil*, a *minha*, a *perpétua saüdade da minha alma...*

Era chinesa. Mas o sobressalto que às convenções ocidentais semelhante revelação poderia causar, tranquiliza-o o retrato que acompanha esta notícia: Dinamene seria acaso tanto ou mais formosa do que essa môça china de sangue mesclado. Acentua o Dr. Afrânio Peixoto que ainda neste ponto Camões foi precursor. É Dinamene, com efeito, a ascendente, mas com encanto real e não meramente livresco, de *Madame Chrysanthème* e da *Butterfly*. Três séculos antes de Chateaubriand, de Baudelaire, de Lafcadio Hearn ou Loti, o Poeta Lusitano gozou, sofreu e cantou a delícia e a tortura do Amor Exótico. E não sòmente com *Bárbara escrava* — essa sensual e passageira galantaria — mas com uma mulher que lhe mereceu paixão acesa e fundíssima ternura.

Já Faria e Sousa conta que lera à margem do soneto *Alma minha gentil* uma nota do antigo dono do exemplar, a qual dizia: *Escribiolo a sua Dama que se murió en el mar.* Com luminosa intuïção, o Dr. José Maria Rodrigues atribuiu êsses versos à inspiração de uma *estonteadora formosura oriental, que tão profunda revolução causara na alma do apaixonado.* Ora, tradição e intuïção foram plenamente confirmadas com o achado, em 1917, de um códice manuscrito da *Década oitava* de Diogo do Couto, existente na Biblioteca Pública do Porto. Aí se refere: *vindo* (o navio) *de lá* (da China) *se foi perder na costa de Sião, onde se salvaram, todos despidos, e o Camões por dita se salvou com as suas «Lusíadas»..., e aí se lhe afogou uma môça china que trazia, muito formosa, com que vinha embarcado e muito obrigado, e em terra fez sonetos à sua morte, em que entrou aquele que dizia: «Alma minha gentil».* Depois dêste documento, a gentilissima sombra mudou-se em adorável criatura. Dinamene ascendeu ao Paraíso poético das musas benéficas e imortais.

De certo foi ela a propícia e sempre suave consoladora do grande desterrado e perseguido. E, de certo também, a mais cruel dor de Luís de Camões teria sido a perdição, no naufrágio trágico, dessa rapariga, amantíssima ao jeito das Orientais, — porventura a única mulher que o amou e lhe foi querida companheira, amorosa e amiga. Incluí o Dr. Afrânio Peixoto, no seu belo estudo, quarenta e quatro poesias de Camões, às quais chamou o *Poema de Dinamene*, e em cuja inspiração o eminente camonista brasileiro entrevê o amor do Poeta à verdadeira Bem-Amada. Poema de supremo amor, e amoràvelmente ordenado, todos os portugueses cultos o hão de sentir e amar. Por nos chegar de além do Atlântico, demonstra também a persistência da encantação que a Poesia de Camões continua a derramar ao perto e ao longe, unida como se acha à própria vida da Nação e ao ritmo da Linguagem. Aos estudos eruditissimos do prof. José Maria Rodrigues, às edições beneméritas do Dr. Agostinho de Campos, nas quais os textos de Camões lírico se estampam com prudência e elucidação novas, os ensaios camonianos do Dr. Afrânio Peixoto respondem no Brasil com valoroso e fecundo ardor. No *Poema de Dinamene* se encontram, comentados, os mais formosos e ternos sonetos de Camões. O sentimento que os inspira é bem diverso da galantaria do antigo cortesão de Lisboa, como diverso é também da virtuosidade literária do Renascimento. É o puro, vivíssimo sentimento do Amor e da Dor. O soneto que segue, e que para o Dr. Afrânio Peixoto representa *o mais comovido soneto camoniano*, recordará aos nossos leitores, já agora palpitante na sua sagrada simbolização de Bem-Amada do Poeta, a Dinamene, *alma gentil* e corpo de *peregrina formosura:*

Quando de minhas mágoas a com-
[prida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me apare-
[ce,
Que para mim foi sonho nesta vida.

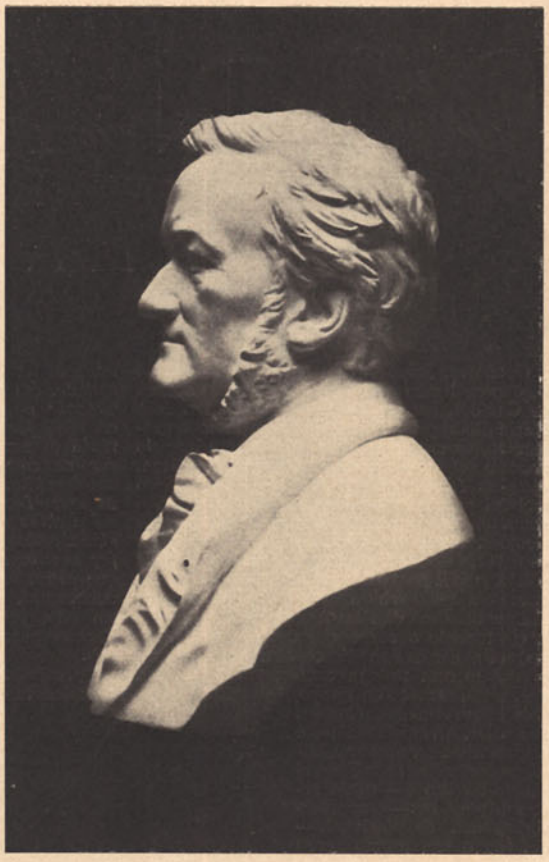
Lá numa soidade, onde estendida
A vista por o campo desfalece,
Corro após ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga, com-
[pelida.

Brado: Não me fujais, sombra be-
[nina!
Ela (os olhos em mim com brando
[pejo,
Como quem diz que já não pode
[ser.

Torna a fugir-me; torno a bradar:
[«Dina»...
E antes que diga: «mene», acordo
[e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

TIPO DE BELEZA CHINA
(Reproduzido do livro do Dr. Afrânio Peixoto)

A MULHER NAS ÓPERAS DE WAGNER



A Mulher na dramaturgia wagneriana é um dos aspectos mais extranhos da obra magistral do Gênio de Bayreuth.

O misticismo musical de tôdas as produções de Ricardo Wagner, afora, pode-se dizer, o *Tristão e Isolda*, atinge uma simplicidade de grandeza lírico-filosófica que em nenhum outro compositor se descobre. Para servir êsse misticismo raro, umas vezes frio como um escalpêlo, outras vezes ardente como uma língua de fogo, o autor do *Tannhäuser* lançou, quási exclusivamente, mão da mulher, trazendo-a à scena com tôda a verdade da sua compleição amorosa, com todo o vigor do seu temperamento vário em que há fraquezas inatas, mas onde também afloram e se consomem energias e vontades sólidas de sentido, incorruptíveis de realização. A filosofia musical de Wagner, que êle transporta genialmente da sua prosa para os seus dramas líricos, roça a transcendência quando a Mulher se lhe depara através das suas formosíssimas concepções dramatico-musicais. A Mulher que, em muitos casos, parece um simples e inofensivo incidente na sua obra, transmuda-se em rápida ascenção de fôrça psíquica, no motivo principal, dominante, das suas óperas. Wagner não adocica os seus tipos femininos, não os veste de femenilidades frágeis, doentias, em que a Mulher-Matéria subalternise a Mulher-Alma. As heroinas da longa série das óperas italianas desde o assomo dramático da ópera cómica da época de setecentos até aos mestres consagrados do século dezanove, estão quási tôdas eivadas dum romantismo piegas. Não há nelas um traço de beleza moral que as demarque numa orientação divergente do conceito fundamental do espírito maleável da mulher, amorável por condição e amorosa por fatalismo. As protagonistas das óperas do período fecundo do «belo canto» não são espiritualizadas, não se movem pela inteligência; é só o instinto que as anima. Figuras de romance, unicamente *fêmeas*, os seus maiores sacrifícios não comovem, as suas acções de mais valor resultam frouxas. Falta-lhes o sôpro bendito da consciência emotiva; não as rodeia, não as ilumina o nimbo da beleza moral.

São pouco mais do que manequins articulados. Por isso, também, a ópera antiga surge-nos fria, hirta de intensidade dramática. Não há calor de interpretação que a aqueça. Tudo se confinou no efeito lírico. Domina só o canto, falece a directriz dramática.

* * *

Wagner criando o drama musical, criou também uma galeria extraordinária de mulheres. Eleitas do Sentimento, tipos inconfundíveis de emotismo mistico que hão de ficar como um friso feminino dos mais elevados de expressão moral, a fisionomia de Sonho que as caracteriza, enraiza-se numa evocação de lenda, integra-se num ambiente de misticismo que só o signo lírico de Wagner saberia emoldurar e tracejar com a poderosa inspiração da sua música, sintética de descritivo, singularmente persuasiva de desenho melódico e de dinâmica orquestral. As heroinas das óperas de Wagner são verdadeiros símbolos femininos. As que não são integramente perfeitas na contextura moral transfiguram-se e acabam alçando-se à quási divinização. Dá-se isso com êsse carácter sombrio que é a Kundry do *Parsifal*. Mas, mesmo essa, era necessária à filosofia wagneriana para pôr em confronto a diabólica usurpação do vaso sagrado do Graal, com a ância de evangelização do rude Parsifal que uma debilíssima organização infantil guinda pela ingenuidade do homem e pela aspiração do predestinado, à culminância do domínio espiritual do mundo cristão sôbre a fútil beleza da vida pagã!

Uma scena de «Tristão e Isolda»

Elsa é a cristalização sôfrega do pecado da curiosidade sôbre o amor. Mas, o triunfo do misticismo de Lohengrin imprime à mulher a côr purissima do arrependimento e sagra-a de Beleza.

A Brünhilda, da *Tetralogia*, vivacissima índole de mulher, mixto de ardor guerreiro e de vibração ultra-terrena, alcandora-se a páramos de visão de lenda longíqua, que prende a materialidade da vida à ofegância do Desconhecido!

Em Isolda parece que o influxo mistico a tocou de maior fugacidade. Puro engano. O filtro trocado, espécie de aviso, que leva à experiência do amor terreno, é como que a narcotização da própria vida para os embates grosseiros do coração com a dôr da paixão arrebatada, demasiado animal. Wagner em Elsa como em Isolda, em Brünhilda como em Kundry despoja a Mulher das contingências materiais do amor, para que ela possa ser sublimada pela pureza, estrangulando o ímpeto brutal dos sentidos!

Kundry mal sente o bafo do amor, amor oculto que lhe dá a sedução e que ela não explica; Elsa deixa fugir da sua vida o amor, perde-o quando melhor o desejaria possuir; Brünhilda assiste ao ocaso dos deuses do Walhalla e à morte do seu herói o moço Sigfried; Isolda acalenta o amor que a ilusão criou e caiu quási pura quando Tristão deixou gotejar o último sangue.

Mas, tôdas elas, heroinas, quási santas, a tocar o Sonho, ascenderam à Beleza moral, ou pela redenção ou pelo sacrifício!

Wagner apóstolo do ritmo, extranho animador das notas musicais, deixou, através da sua obra imortal, tipos suaves de mulheres, galeria imperecível de corações cujos nomes a dramaturgia musical há de repetir para sempre, porque hoje pertencem, talvez, mais à lenda do que à história.

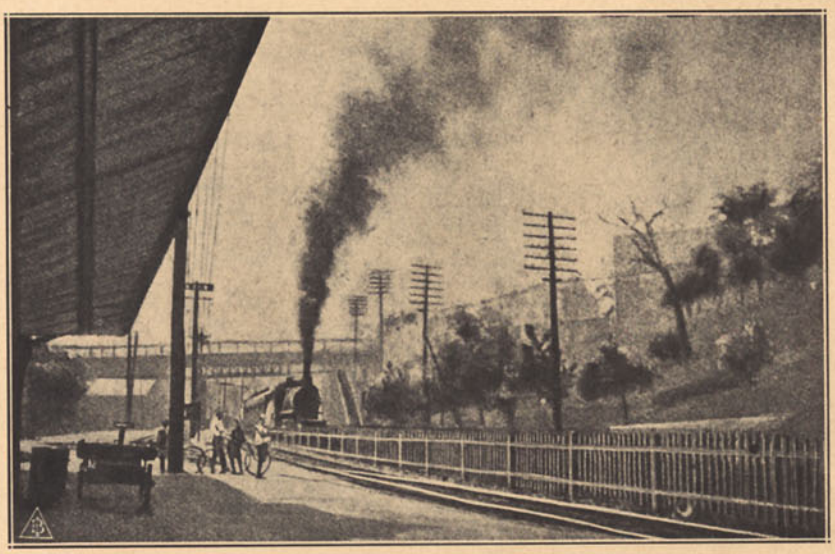
NOGUEIRA DE BRITO.

O FRIO E A ELEGÂNCIA EM PARIS

Em cima: O lago de Versailles, gelando, proporcionou à elegância parisiense um motivo de galante exibição e às crianças um divertimento muito interessante. — *Ao centro:* As sereias dos lagos da Praça da Concórdia vestem um manto de gêlo que tem a graça subtil das criações da moda parisiense. — *Em baixo:* Dois patinadores consumados e uma patinadora que ensaia os seus primeiros passos

A ATMOSFERA E A CIVILIZAÇÃO

A nossa vida de povos civilizados assenta principalmente no consumo de carvão mineral, com o qual obtemos o gás calorífico e iluminante, a energia eléctrica e uma grande quantidade de produtos de emprêgo precioso em várias indústrias. A distilação ou a combustão da hulha enche-nos a atmosfera de fumos de composição complexa, pois que neles existem, além de mínimas partículas de carvão, muitas outras substâncias, algumas irritantes, como os ácidos, outras inertes mas podendo ser véiculo de diversos micróbios. Êsses fumos, essas poeiras, penetram nos nossos brônquios e pulmões, corroem, irritam, inflamam as superfícies mucosas e tornam estas susceptíveis de contrair infecções várias. Assim paga o homem os benefícios da civilização com prejuízos sensíveis da sua saúde.



As locomotivas constituem a mais importante origem dos fumos que viciam a atmosfera das cidades

Uma das principais origens dos fumos atmosféricos que cobrem as grandes cidades existe nas estações de caminho de ferro, onde lançam fumo não sòmente as locomotivas que chegam ou que partem, mas as que permanecem durante tempo bastante a fazer vapor, isto é, a criar pressão com que possam pôr-se em marcha. Mas é nas regiões de intensa indústria, principalmente em volta das fábricas, que a atmosfera se carrega de fumos a ponto de ficar consideravelmente diminuida a a sua luminosidade, como que formando um nevoeiro local cercado duma atmosfera brilhante de céu limpo.

Quando se queimam carvões em que há enxôfre, realiza-se uma especial condensação de vapor. Não é porque o produto da combustão dêsse enxôfre, o anidrido sulfuroso, não seja um gás transparente; mas se na atmosfera existe amoniaco, embora em quantidade diminutíssima, o que é comum, logo o anidrido sulfuroso se condensa em fumos esbranquiçados. Também na atmosfera das cidades existe o fenol, e êste, na diluição de 1 para 1.000.000, basta para dar à água um gôsto insuportável a iodofórmio. Afirmam os franceses que àquele fenol vindo dos fumos atmosféricos se deve o sabor a iodofórmio que teem, por vezes, as águas do Sena e do Marne tratadas pelo cloro, como aqui, em Lisboa, se tem feito, para realizar a sua esterilização.

A chuva limpa a atmosfera das poeiras que a inquinam, podendo dizer-se que ela arrasta as poeiras, mas, por seu lado, as poeiras provocam a chuva. Quando baixa a pressão atmosférica, o vapor de água condensa-se em tôrno das partículas suspensas no ar, e a chuva que se forma arrasta estas na queda.

Courlier tinha demonstrado esta doutrina por meio de uma curiosa experiência. Servia-se de um simples vaso com água, onde podia fazer variar a pressão do ar comprimindo ou deixando distender uma pêra de borracha comunicante com o frasco. Comprimindo o ar, produzia calor que reduzia alguma água ao estado de vapor; deixando arrefecer e diminuindo seguidamente a pressão, aquele vapor condensava-se e formava-se uma névoa dentro do frasco. Sucedeu, porêm, que, trabalhando com ar filtrado cuidadosamente, ar sem poeiras, aquela névoa se não formava.

Esta velha experiência foi lembrada quando se quis calcular a riqueza de poeiras existente na atmosfera de vários locais. Pois que o vapor de água se condensa em tôrno dessas poeiras e a chuva arrasta estas últimas, recolhendo as águas da chuva durante um mês, por exemplo, tem-se uma quantidade de poeiras, no depósito que se forma, correspondente à que vicia a atmosfera do local respectivo. Assim se alcançaram números que bem revelam a intensidade de viciação do ar pelos fumos das fábricas. Por exemplo: a experiência feita em Paris, no terraço do «Palais Royal», deu 12 gramas de poeiras por metro quadrado de superfície; numa região onde se amontoam fábricas deu 1.592 gramas.

Devo acrescentar que o vapor de água não se condensa unicamente em tôrno das poeiras, mas também produz essa condensação a electrização das moléculas ou átomos. As radiações, os agentes, enfim, que electrizam as moléculas gasosas podem ser determinantes da chuva.

Mas não importa isso para o caso. O que verdadeiramente interessa é certificarmo-nos da nocividade dos fumos atmosféricos, já pelas doenças que directa ou indirectamente podem causar, já por nos esconderem a luz do Sol, prejudicando a nítida visão dos objectos, tão necessária, por exemplo, aos aviadores que pretendem tomar terra. E sendo assim, devemos proceder por forma a libertar a atmosfera dêsses fumos.

Para êsse fim foi proposta a chamada filtração eléctrica do ar, parecendo, porêm, que é muito mais simples e económico processo o aproveitamento do carvão ao sair das minas. Aí seria queimado ou distilado, e os produtos, fôssem gás, electricidade ou subtâncias químicas, levados para os locais de consumo. Dêste modo ficariam libertas de fumos as grandes aglomerações urbanas.

F. MIRA.

A atmosfera que envolve uma fábrica metalúrgica de Pittsburgo, quando o céu está limpo de nuvens

FEMININA

NO CAMPO DA ELEGÂNCIA

A moda atravessa mais um período de espectativa. Está dito e conhecido tudo quanto se criou para o inverno e, por mais que a indiscrição queira forçar a barreira do segrêdo por detrás da qual a moda entrincheirou os seus propósitos para a próxima primavera, o que é certo é que por emquanto nada de positivo se pode revelar.

Fala-se, é certo, em nova tentativa dos costureiros, para um sensivel alongamento das saias. Nas últimas colecções apresentadas à curiosidade sempre insatisfeita da *coquetterie* feminina, figuram alguns modêlos francamente compridos, quási tocando o tornozêlo. Mas o contraste dêsses modêlos com os outros deliberadamente curtos, é tão desagradável, que não é de prever um êxito ao intento de voltar às saias compridas.

Para a rua, visitas, chás, etc., o *smoking* de veludo combinado com saia igual ou de crepe da China, continua em vivo sucesso. Compreende-se: é chic, impressionantemente distinto na sobriedade inteligente da linha...

O veludo tem êste ano grandes simpatias do seu lado. Grande número das toilettes de tarde são feitas com êsse belo tecido, sempre elegante e distinto entre todos.

Outro elemento de toilette que não parece decidido a perder a voga, é o chapéu de feltro que cada vez se vê mais, trabalhado, é certo, com excepcional capricho, mas sempre marcando um cunho de *chic* crédor da maior simpatia.

BRILHANDO AO SOL

Admiráveis estas manhãs de Maio, claras e luminosas, com uma aragem leve e fresca, agitando docemente as fôlhas novas das árvores.

No acordar preguiçoso da cidade apetece louvar a vida, que se comunga tôda num perfume ou num sorriso que passa... É tudo um perfume ou um sorriso nestas manhãs de Maio, em que o céu é tão azul e a terra tão verde, que não há alma, com certeza, por mais pecadora, que não regresse ao Paraíso.

Saüdades? Tristezas? Dúvidas? Remorsos? Pode lá ser! Nestas manhãs de Maio até a desgraça é feliz!

Meu Deus! Meu Deus! Se isto fôsse verdade!

* * *

Vou contar-vos uma história triste, muito triste, embora ela se passe numa manhã de Maio. É a história de uma pobre mãe que tinha dois garotos. Nada mais simples, mais humano. Querem vocês ouvir?

Chamava-se Rita, Rita das Neves, e vivia com os filhos numa barraca de madeira, junto à linha. Há dois anos que ali vivia — e ainda lhe punham mêdo os silvos das locomotivas, altas horas da noite, com os campos em redor adormecidos, e aquelas máquinas medonhas, cheias de fogo e de fumo, correndo, à desgarrada, para o mundo. A morte! Às vezes pensava na morte, e suores muito frios pareciam gelá-la tôda.

De vez em quando as crianças acordavam com o barulho na linha. Riscava um fósforo, acendia uma vela e ficava a olhá-los, longo tempo, até que, de novo, o silêncio descia, e êles voltavam a adormecer, muito rosados e loiros, no desalinho enxovalhado das suas mantas escuras.

Vivia ali desde que o marido lhe morrera.

Com as últimas economias que lhe tinham sobrado da doença, comprou aquela barraca, onde, no inverno, a chuva entrava por todos os lados, através das tábuas mal unidas. No verão era o sol que, logo de manhã, entrava a jorros, alegremente, tostando a pele das crianças e fazendo brilhar, mais vivamente, as listras desbotadas dos cobertores. Era uma riqueza, o sol! Dava alegria, saüde! Até trabalhava com mais gôsto — e não pensava tanto na morte!

* * *

Viera para Lisboa casada de pouco tempo. O marido, um rapagão forte e sadio, trabalhava numa fábrica em Alcantara. Viviam bem, sem atlições de dinheiro, em quarto alugado num quinto andar das Avenidas Novas, prédio que era mesmo uma lindeza, com azulejos e vasos de plantas na escada. O quarto era pequeno — mas como não havia ainda novidade chegava bem para os dois.

A sua surprêsa ao chegar à estação do Rocio, numa manhã cinzenta, baça, com uma chuva miudinha nada parecida com as bátegas de água da sua aldeia transmontana que fustigavam os telhados das casas, fazendo saltar as telhas, ensopavam o colmo das casas mais pobres e levavam, de enxurrada, todo o lixo e estrume das valetas!

Sentada num banco, enquanto o marido ajustava um moço para lhe levar a bagagem, viera-lhe uma vaga saüdade de tudo que tinha deixado para trás... A sua aldeia perdida em plena serra, cercada de pinheirais e de soitos; a casa com o alpendre guarnecido de cravos e mangericos; tôda a parentela, incluindo o sr. abade, seu padrinho, que, no dia do casamento, botou uma fala tão linda que fêz chorar todo o mundo!

Ao sair da estação ficára embasbacada, mesmo maluca de todo! Achava tudo muito bonito, muito grande, muito asseado! Mas um leve receio de se perder entre tanta gente desconhecida fê-la apertar com mais fôrça o braço do companheiro, como que a implorar-lhe que a defendesse, que a não abandonasse nunca. Êle sentia-se importante, muito feliz! Como já tinha estado em Lisboa, de solteiro, achava graça à mulher, muito receosa a seu lado, e sentia ganas de lhe provar num beijo, num beijo muito quente e muito fundo, a eternidade do seu amor. Deixára de chover. Um ventinho frio sacudia ligeiramente as olaias da Avenida de cujas fôlhas caiam, reluzindo, gôtas de chuva, como lágrimas.

O quarto era estucado de amarelo, com cortinados de chita na janela. A cama de ferro muito larga, quási o ocupava todo. A um canto o lavatório, também de ferro, pintado a branco, e junto da porta uma mesa de pinho, muito envernizada, completavam o resto da mobília.

Ah! como ela fôra feliz naquele quarto e como a sua alma, sem ambições, se deliciava gosando amplamente a tranqüilidade duma existência pacata que os domingos de sol no Campo Grande e Algés iluminavam! Que deliciosos domingos!... Sentados na relva, com algum amigo que aparecia e se fazia convidado, jantavam alegremente, passando a garrafa de vinho de mão em mão, até que ao cair da tarde regressavam, quási sempre a pé, muito chegados um ao outro, sentido inconscientemente a vaga tristeza do entardecer que os envolvia, numa lassidão doce e suave...

Sentada à porta da barraca, vestia os pequenos, ainda tontos de sono, choramingando. E tôdas estas recordações lhe vinham à memória, vivas e frescas, revoando, em volta dela, como bandos de pombas brancas batendo as asas.

* * *

O dia começava a aquecer. Brilhavam intensamente as frontarias brancas dos prédios. Até os pregões eram mais fortes.

— Bem, vão brincar, mas não fujam para longe...

Os pequenos, doidos como canários soltos, disseram ambos que sim, e partiram.

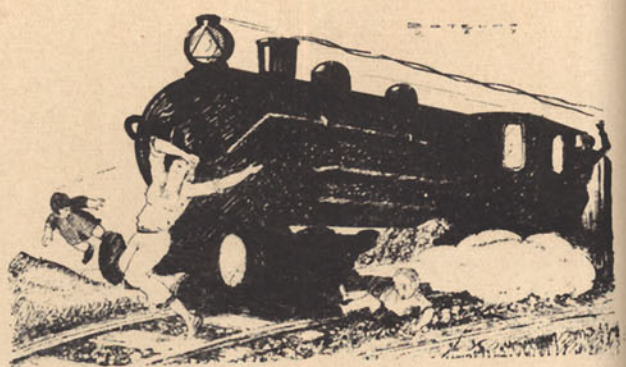
Rita ainda ficou a olhá-los, da porta, uns instantes. Mas era preciso fazer o almôço, e entrou. O lume, que ela deixou tão esperto, tinha-se apagado — e, como era muito supersticiosa, viu nisto logo uma sina escura, um mau prenúncio de desgraça.

Maldita hora em que tinha comprado a barraca. Não sabia bem porquê, mas via-se rodeada sempre de mil perigos, como se os combóios todos, que passavam na linha, trouxessem artes do demónio, na sua velocidade doida, para a tornarem desgraçada. O que ela mais amava no mundo eram os filhos, e o que mais odiava eram os combóios. Havia tantos desastres por causa dos combóios!

Na sua simplicidade ingênua, não compreendia que o mundo seria menos mundo sem a existência daquelas máquinas fumegantes. Acordavam-lhe os filhos, de noite; causavam-lhe mêdo; eram grandes, muito fortes e muito negras, e por isso odiava-as.

Acendeu, novamente, o lume — e um silvo agudo cortou o ar. Rita correu à porta e gritou...

Os pequenos, longe, na linha, faziam montes de areia. Outro silvo, outro ainda, e a enorme máquina do rápido apareceu, fumegando.



Precipitou-se — e, não tendo tempo para mais, pegou nos filhos, um em cada braço, arremessando-os violentamente para os lados.

O combóio passou, deixando, atrás de si, uma massa ensanguentada e informe, brilhando ao sol.

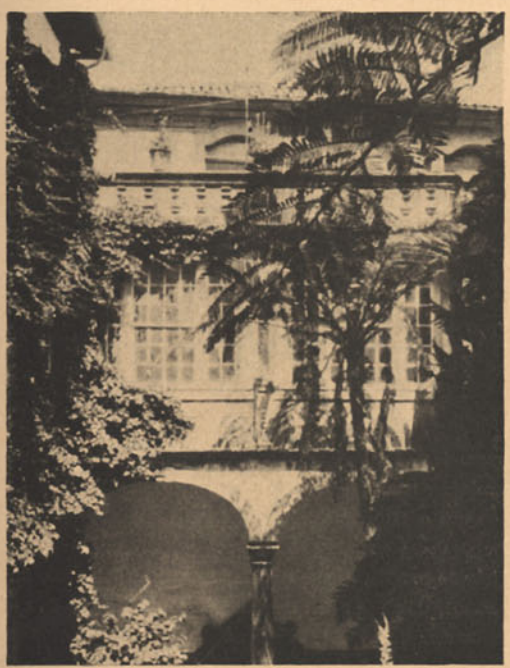
ALVES MARTINS.

A CASA PORTUGUESA

CASA DOS BISCAINHOS

BRAGA

PROPRIEDADE DOS SRS. VISCONDES DE PAÇO DE NESPEREIRA



NUM SILENCIOSO PÁTIO INTERIOR DESTE PALACETE, VEMOS A CURIOSA ALIANÇA DO RUDE GRANITO PATINADO COM A DELICADÍSSIMA FOLHAGEM DE GRANDES FETOS ARBÓREOS

PELO ÁTRIO DE ENTRADA SE SOBE A HABITAÇÃO OU SE PASSA DIRECTAMENTE AOS ESPLÊNDIDOS JARDINS DE QUE A «ILUSTRAÇÃO» NO SEU PRÓXIMO NÚMERO DARÁ ALGUNS ASPECTOS. MUITO ORIGINAL É A GUARDA DE GUERREIROS E GENTIS-HOMENS QUE DO ALTO DE SEUS PEDESTAIS DÃO AS BOAS-VINDAS A QUEM ENTRA

TIGRES DE TRAZER POR CASA

Quantas vezes, olhando, em casa, o gato que boceja e notando-lhe as aguçadas presas, as leitoras não terão pensado: «De que remoto tigre da idade da pedra descenderá êste Tareco de fauces ásperas e dente afiado?»

Com efeito, o *bichanus vulgaris*, como o classificaria qualquer Lineu menos exigente, é na vasta família felina o único que consentiu em transigir com a demesticidade, sem quebra da sua linha de digno representante duma aristocracia de garra e dente.

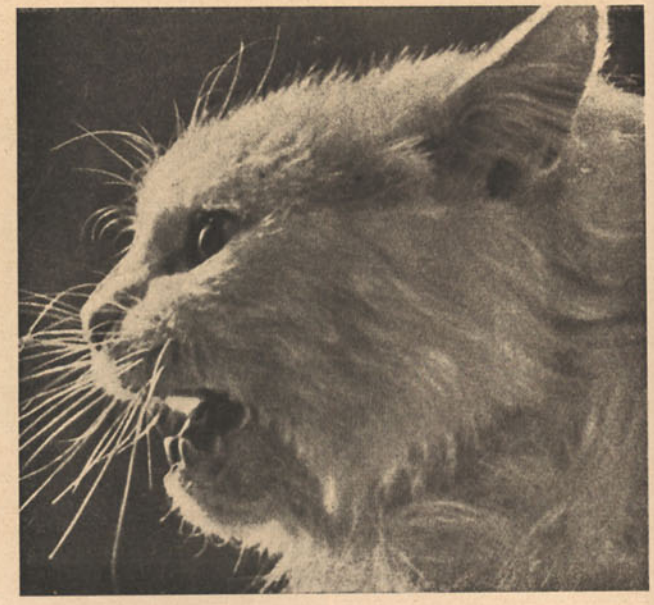
Egoista, amigo da sua comodidade e do prazer de ronrorar os seus sonos em sitio abrigado e quente, o gato representa no lar um amigo que não é para as ocasiões.

Alexandre Dumas, filho, que tinha pelos gatos uma singular predilecção, fêz dos defeitos dos bichanos, comparando-os com as qualidades do cão, uma graciosa defesa, em que o egoismo dos felinos sobressai como prova duma inteligência prática e decisiva. Assim, falando das habilidades caçadoras de gatos e de cães, Dumas louva o desembaraço do gato que passa horas à espera de apanhar um pássaro, para o comer e põe em destaque a estupidez do cão que anda léguas atrás duma perdiz ferida, para vir entregá-la ao caçador, que está muito descançado, à sombra duma árvore, a comer o seu farnel e a considerar na utilidade dos cães de caça.

Diz-se que o gato não conhece o dono. Não é inteiramente verdade. Conhece-o só quando convém à sua gula de amador de petiscos, mas ignora-o completamente quando, estando amadornado num fauteiul, se não dispõe a ceder o seu lugar ao proprietário da cadeira e mostra os dentes e estende as garras.

No entanto o gato é, numa casa, um elemento de beleza, tenha êle a graça airosa e gaiata dos «Dois patifes», do conto de Fialho ou a solenidade obesa do «Reverendo Bonifácio», velho companheiro das partidas no Ramalhete, dos «Maias».

Ninguém se exime, vendo a graça feroz dêstes focinhos bigodudos, a exclamar: «Que lindo!», mesmo quando o gatarrão, para corresponder ao cumprimento, desenha a sangue na mão, que o afaga, duas linhas paralelas e sinuosas, como rails de caminho de ferro de curvas inumeráveis.



PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

VIANA DO CASTELO—Um poente

(Cliché do distinto amador sr. José Maria Coutinho)

A DANÇA

Desde que o ouvido humano começou a escutar o primeiro ritmo — e foi talvez o cair das gotas de água, que geram as stalactites, o primeiro ritmo musical — desde que o som marcado e isócrono desvendou ao homem o mistério da harmonia, na sua forma mais simples, que êle deve ter sentido a necessidade quási física de medir os seus movimentos pelo compasso dêsse ritmo primitivo.

Assim deve ter nascido a dança, a beleza da atitude, o culto plástico do movimento.

Tão funda impressão de beleza deve ter provocado nas almas simples da humanidade infante o ritmo da dança, que logo se lhe atribue uma origem de inspiração divina e é perante as aras que a dança se desenvolve, ao som de instrumentos primevos, como oferenda grata aos deuses.

Os sacerdotes propiciam as divindades dançando em sua honra e louvor e os crentes aproximam-se dos altares em passos ritmicos e apertando contra o seio as primicias da oferta.

O culto politeista favorece singularmente o desenvolvimento da dança. As deusas, principalmente, são exigentes. Regosijam-se com o ritmo das teorias de virgens passando e repassando, em leve ritmo, sob as colunatas dos templos, entre os bosques sagrados, onde alvejam, sôbre o verde-negro da folhagem dos loureiros, as tunicas que a brisa e o movimento graciosamente enfunam.

Mesmo as religiões dum só deus não dispensam o concurso da dança na sua complicada liturgia. No primitivo culto hebraico as cerimónias ritmicas eram imprescindiveis no próprio momento dos sacrificios.

A dança, como as religiões, caminhou através das civilizações do oriente para o ocidente. As bayaderas, tangedoras e dançarinas sagradas, ainda hoje atestam a remota origem da dança liturgica.

* * *

Grata aos deuses, a dança não podia deixar de agradar aos homens, que dentro em si criaram os deuses à sua imagem e semelhança.

A dança transformou-se, assim, em prazer dos olhos e em embriaguez dos sentidos.

É tão grande o poder da sua sugestão que, sob a sua influência, Antipas Herodes esquece o superstícioso respeito que a sua raça sentia pelos profetas e entrega a cabeça de Iokanan nas mãos débeis de Salomé, só porque a viu dançar, deslumbrante de nudez, a dança dos sete veus.

Com o andar dos tempos, a dança torna-se arte e profissão e vem, num crescendo de beleza, criando novos ritmos, mais estéticas atitudes, liberta já do hieratismo das cerimónias sacras.

No mundo antigo disputam-se os ricos entre si as escravas e os escravos, que cultivam a arte divina da dança.

Os banquetes do império romano não se consideravam orgias perfeitas se não tivessem a adorná-los a exibição das mais raras e das mais belas dançarinas.

KARSAVINA

NA ARTE

Com a entristecedora Idade-Média, a dança decai do seu prestígio. Os dançarinos profissionais são considerados mais como pelotiqueiros vulgares do que como cultores duma arte perfeita e digna. Atendem-se de melhor grado os trovadores que os dançarinos, mas, como nobre compensação, a dança entra nos paços e castelos, cultivada por donas e cavaleiros, naqueles festivais célebres de bôdas e alianças, que duravam semanas. Danças graves, de atitudes hieráticas, mas, em todo o caso, danças.

ANA PAVLOVA

Não vale a pena relembrar, sequer, a marcha lenta da dança através do lento deslizar dos séculos. A Renascença não teve a coragem de ir buscar ao mundo greco-romano, de que se nutriu, a beleza e a estética insuperáveis das suas danças.

Com os requintes de palacianismo a dança adapta-se à graciosidade dos minuetes, das gavotes e pavanas e daí por diante, aparte os bailados um pouco acrobáticos das dançarinas e bailarins das óperas, cai-se na monotonia das contradanças, das polkas, das mazurkas e valsas, até ao delírio desengonçado das danças modernas de salão.

* * *

Entretanto, um movimento de restauração das danças clássicas se ia acentuando.

A alma slava, essencialmente religiosa, guardava o culto da dança, como guardava o gênio da música.

Pouco a pouco, lutando contra a espessura do ambiente, os dançarinos russos fôram impondo a sua arte.

Inspirados do ritmo, fôram os russos os criadores da interpretação da música pela dança, da verdadeira interpretação, que a traduz em movimentos ritmicos e em atitudes de imperecível beleza.

Ana Pavlova, interpretando a Morte do Cisne, é uma criação de beleza que nunca mais esquece.

A doçura de Grieg encontrou no gênio desta dançarina o complemento indispensável à sua integral compreensão. Saint-Saens tem nela também a melhor intêrprete dos seus ritmos bizarros.

Imaterial, quási, a Pavlova, dançando, é tôda ela uma curva de harmonia, como uma chama que o vento torce e faz vibrar, subir, apagar-se em cinza e morte.

Presentemente, uma outra dançarina atrai os olhares do mundo, que da arte espera mais alguma coisa que uma simples distracção.

É Karsavina, a dos expressivos olhos, rainha da atitude, em cujas veias o sangue, passando, parece marcar o próprio ritmo das suas criações.

Intêrprete das mais extranhas páginas musicais, Karsavina é uma nova sacerdotisa da sagrada religião da dança, que atrai ao seu culto uma multidão inumerável de fieis adoradores do ritmo e da atitude.

O MOMENTO TEATRAL

HENRI ROLLAND

VERA SERGINE

As duas primeiras figuras da Companhia Vera Sergine, que se estreia em Lisboa, no Teatro S. Luis

A assistência ao almoço oferecido pela Sociedade de Autores Españoles, em Madrid, aos representantes da sua congénere portuguesa. *Da esquerda para a direita:* Valentim de Pedro — Luis Liñares Becerra, gerente da Sociedade de Autores Españoles — Amilcar Barros Queirós — Joaquim Alvarez Quintero — Feliciano Santos, gerente da Sociedade de Autores Portugueses — Serafim Alvarez Quintero — Francisco Alonso — Mario Duarte, secretário da Direcção da Sociedade de Autores Portugueses — Manuel Liñares Rivas, presidente da Sociedade de Autores Españoles — Francisco Morano — José Maria Acevedo — Jacinto Guerrero — Pablo Luna — Tomás Borrás

CINEMATOGRAFIA

A cinegrafia, a par dos filmes de grande espectáculo, verdadeiros monumentos de faustuosidade, de arte e de explendor, a par dos filmes cómicos, destinados a alegrar-nos a existência com as suas peripécias sempre novas, compraz-se na produção de grandes dramas da vida, de intimas tragédias de ambiente moderno em que as paixões se entrechocam furiosamente, em que as dôres das almas e as alegrias se mesclam num entretecido magistral, levando os espectadores a um auge de emoção poucas vezes sentido. Está neste caso a produção intitulada o «Circo do Diabo», dirigida por Benjamim Christianson, tendo por intérpretes, Norma Shearer, Charles Mack e Carmel Myers. Damos algumas notas do sugestivo entrecho.

* * *

Carlo, subproduto da vida desregrada duma grande cidade, acabara de cumprir sentença por crime de roubo, mas nem a pena sofrida nem as exortações bondosas do capelão da cadeia tinham conseguido emendá-lo. Mas ao sair para a rapina nocturna na grande cidade, encontrou uma pequena do campo, Mary, que se perdera e procura uma pousada. Carlo, o espirito do mal a arder nas veias, desnorteia-a ainda mais e leva-a para o quarto em que vive. A pobre Mary, tal é o nome da linda aldeã, conta-lhe confiadamente a sua vida. É orfã de seu pai há alguns dias. Êste, ex-acrobata de circo, ensinára-lhe a sua arte e Mary lançara-se à cidade em busca do director dum circo ambulante, quando se perdeu e caiu nas rêdes do malfeitor. Mas a sua candidez, a sua inocência sem artificios, a sua bondade ingênua tinham-na salvo do perigo, enternecendo aquela alma empedernida do «fora da lei» que as duras penas da justiça e a palavra do evangelizador tinham tentado, em vão, converter e regenerar. Mary fica sózinha na casa do gatuno e êste volta, pela manhã, trazendo-lhe um grande ramo de flôres. É êle ainda que a apresenta e lhe arranja o primeiro contrato no circo. Desde êsse momento, passa Mary a viver numa pensão cuja dona, a senhora Peters, exerce as funções de encarregada do guarda-roupa no circo e que também entra de estimar verdadeiramente a jovem acrobata, ganha pela sua candorosa bondade. Mary, que ignora a profissão de Carlo e o seu passado, sente a pouco e pouco um grande amor por aquele que foi o seu primeiro e leal amigo na grande cidade e assim, em breve os dois jovens trocam promessas de casamento. A vida porêm, é dura e teem que esperar até que as modestas posses de ambos permitam o unir-se. Mas o génio do mal não descansa; persegue sempre aqueles que uma vez se deixaram desgraçadamente tentar e surge a Carlo na pessoa dum antigo camarada que o desafia para um assalto de grande monta. Carlo que tem um pequeno ofício, tenta esquivar-se mas o outro faz-lhe ver que, com o produto daquele último roubo, poderá casar e regenerar-se então definitivamente.

Encontrou uma pequena camponeza perdida na grande cidade

A pobre acrobata, sofria as assiduidades de Hugo, o domador e os ciumes da mulher dêste

Na manhã seguinte, Mary esperava-o e viu que êle vinha ferido numa das mãos. Tinha sido uma bala da policia. Foi então que Carlo contou tudo a Mary e quando espera dos labios dela o seu perdão, a policia assalta a casa, prende-o e leva-o, não sem que antes, Mary tenha conseguido jurar-lhe que esperará, trabalhando no circo, que êle cumpra a pena que vai sofrer.

Mas o ambiente do circo é terrivel para ela e sobretudo, o domador Hugo, assedia-a brutalmente a todos os momentos, valendo-se da influência que tem sôbre o director, para a ameaçar de a despedir se ela não cede aos seus desejos.

Terminada a época na cidade, a companhia seguira em tournée e Yona, amante de Hugo, cheia de ciumes por ver a paixão do domador, cortou uma noite a corda do trapézio em que

Carlo regenerava-se e fazia a eterna felicidade da pobre Mary, num amor puro e duradoiro

Mary executava perigosos exercícios a grande altura, vindo a pobre pequena estatelar-se no solo e ficando em estado gravíssimo.

Até no seu catre de dor, a persegue a brutalidade de Hugo e a pobre já não sabe como suportar o seu calvário quando rebenta a guerra o que traz como conseqüência a debandada da companhia visto os homens serem chamados às fileiras. Também Carlo consegue um indulto sob promessa de se alistar o que êle faz.

Anos depois, a paz restabelecida, Carlo, regenerado, trabalha de sapateiro na escada da senhora Peters e ambos procuram inutilmente Mary de quem não teem a mais pequena notícia. É a antiga guarda-ropeira do circo que a encontra a vender bonecas pelas ruas e em grande miséria. Leva-a para casa, a bôa mulher, e provoca o encontro dela com Carlo. A alegria de ambos é enorme, mas as lágrimas de Mary não tardam em brotar ao relembrar o passado e Carlo, pôsto ao corrente das vilanias de Hugo, que outrora se dizia seu amigo, jura solenemente vingar-se onde quer que encontre o domador. Nada sabe dêle mas, procurando-o com ardor chega a saber onde o outro se acoitou depois de terminada a guerra. Vai ao mísero tugúrio de Hugo mas a arma vingadora que empunhara, cai-lhe das mãos. Hugo, miserável rebotalho da guerra maldita, era agora um cego que esmolava pelas ruas e Yona, envelhecida, esfaimada, o seu guia! A justiça do céu adiantara-se-lhe. Nada mais restava a Carlo senão converter todo o seu ódio em piedade pelos desventurados e em mais amor ainda, se possível fôsse, pela sua dôce Mary, a linda acrobata do «Circo do Diabo». (Produção Metro-Goldwyn).

▪ ▪ ▪

A «British Prod.» vai executar um filme «Madame de Pompadour» para o qual contratou Dorothy Gish, António Moreno e Nelson Keys, dois operadores americanos e o grande *costumier* Tom Hesslewood. Embora dirigido por um inglês, cujo nome ainda é uma incógnita, vemos que não se pode chamar precisamente um filme inglês.

▪ ▪ ▪

Em França continuam a adaptar-se obras de teatro ou romances ao écran. Além de todos os romances de Maurice Dekobra, anunciam-se para breve as apresentações de «L'Etrangére» de Dumas, de «Miss Helyett» de Audran, «Le Roi Lepreux» de Pierre Bênoit, «Education de prince» de Maurice Donnay, «Paris sous l'oeil du monde» de J. J. Frappa, «Paname» de F. Carco, «La nuit est à nous» de Kistemaeckers e «Roman d'un jeune homme pauvre» de Feuillet. Esta última obra é filmada já pela quarta vez, sendo agora seu realizador o ilustre Gaston Ravel.

▪ ▪ ▪

Yvan Mosjonkine, o grande intérprete de «Miguel Strogoff» deve já, a estas horas, estar em Culver City, Los Angeles, onde vai cumprir o seu contrato com a «Universal». O genial comediante russo chamar-se há na América Yvan Moskine. Ainda não ranspiraram as razões desta terisma singular.

▪ ▪ ▪

A sede da companhia «Paramount» em Nova York é um edifício colossal que tem de altura 130 metros. Para calcularmos a *graça yankee* de tal edifício, devemos lembrar-nos de que «Nossa Senhora de Paris» tem 58 metros de altura, o Arco do Triunfo, 49 metros, a basílica dos Inválidos 110 metros e o nosso zimbório da estrêla uns 63 aproximadamente.

Aileen Pringle, arvorando um exótico chapéu de requintada elegância em «A Little Bit of Broadway»

O cedro da Praça do Rio de Janeiro, em Lisboa, martirizado em forma de caramanchão

O cedro de Montigny-Lencoup, que mede 39 metros de altura e 1 metro e 60 de circunferência do tronco

OS CEDROS

Há pouco, um sábio indiano revelou a uma asemblea selecta de homens de sciência que, após estudos demorados e atentos, chegara à conclusão de que as plantas teem, como nós, um sistema circulatório e, portanto, um coração, sensibilidade, talvez, mesmo, sentimento.

Esta revelação do sábio indiano, que demonstrou práticamente as suas afirmações com experiências concludentes, encerra uma dose de poesia que, em regra, não costuma caracterisar as investigações scientificas. Chega, até, a ser enternecedora esta certeza que a sciência nos traz de que as plantas, ainda que a seu modo, são susceptiveis de sofrer e, quem diz sofrer, diz de amar.

Com efeito, há nas plantas uma dedicação muda que atinge proporções de sacrificio e que nós, humanos, nunca compreendemos nem agradecemos suficientemente. O trigo, por exemplo, que há milhares de anos consente em germinar, crescer e multiplicar-se, é um amigo do homem tão prestante, pelo menos, como o boi ou o cavalo. Outros vegetais, rasteiros ou de altivo porte, são por igual devotados amigos que se oferecem, contentes de serem vitimas, em holocausto às exigências da grosseira materialidade da nutrição de várias espécies animais.

Mas nem só a estas funções grosseiras e de necessidade se prestam devotadamente as plantas. Florindo, elas dão aos nossos olhos mortais o encanto das tonalidades que os pincéis e as tintas só imperfeitamente reproduzem e ajudam eficazmente a delicia de viver certos momentos, embalsamando o ar com perfumes, que em vão a imaginação dos quimicos-perfumistas pretende imitar. Os lenhosos troncos, quando a morte os atinge ou quando a ferocidade humana os imola à machadada, são ainda na nossa vida a casa que abriga, o berço que embala, o fogo que aquece e o derradeiro conchego do corpo no seio da terra, mãe comum. Assim se aliam as árvores aos nossos prazeres de confôrto e felicidade e à nossa piedade pelos que deixam a vida.

No que as árvores, porêm, mais se misturam à nossa vida, tornando-se nossas cúmplices e confidentes, é na sua função protectora de dispensadoras das sombras discretas e propicias aos idilios e aos devaneios. Um parque, fechado de árvores, evoca desde logo no nosso espirito ideas de quietação e de paz e faz brotar na nossa alma uma fonte suavissima de desejos castos de noivado.

Neste capítulo de confidências e cumplicidades de amor, os cedros teem uma marcada preeminência. Ou por serem mais copados e de mais cerrada sombra ou porque mais desafogadamente crescem nos sitios em que a natureza se esmerou em reunir encantos, o caso é que ao cedro anda ligada uma tradição constante de idilios, que a História e a Lenda perpetuaram.

Entre nós são célebres os cedros da Quinta das Lágrimas, em Coimbra, que se alinham à beira da Fonte dos Amores, onde a tradição se empenha que tenha decorrido a trágica morte de Inês de Castro, a pesar de a História teimosamente negar o local. Nos principios do século passado, ainda naquela quinta existia um cedro, que o vendaval derrubou, que ostentava, entalhada no tronco, esta inscrição ufana: «Dei sombra a Inês formosa».

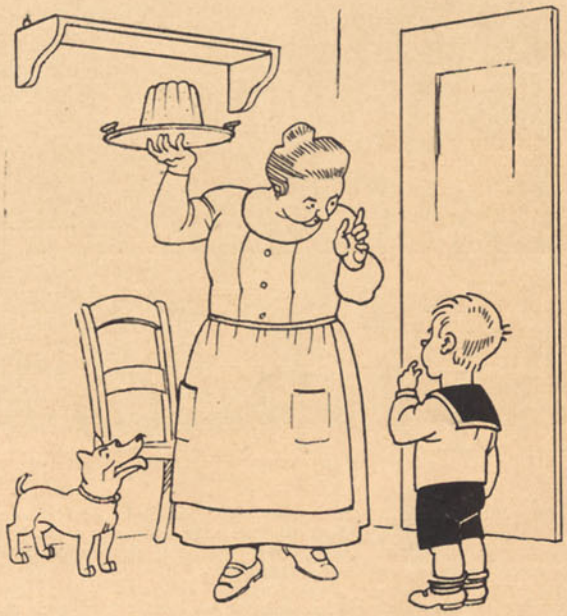
Lisboa orgulha-se dum cedro célebre pelas habilidades a que os jardineiros da Câmara o obrigam: o cedro da Praça do Rio de Janeiro, pobre árvore de braços algemados, forçada a uma atitude acachapada de caramanchão, que lhe não permite erguer-se altiva para o céu, donde desce a luz de que se nutre a sua seiva.

Como devem condoer-se dêste cedro aleijadinho os seus irmãos do Líbano, da semente aristocrática dos que Salomão escolheu para os explendores do seu Templo e do seu palácio de Jerusalém. E como deve admirar-se da barbaridade cometida êsse outro cedro de Montigny-Lencoup, considerado a mais bela árvore de França, para onde foi levado por Bernard Jussien, em 1734, na mesma ocasião em que foi plantado o cedro do Jardim das Plantas, de Paris e ao qual se dispensaram os cuidados e defesas que a sua provecta idade bem merece e plenamente justifica.

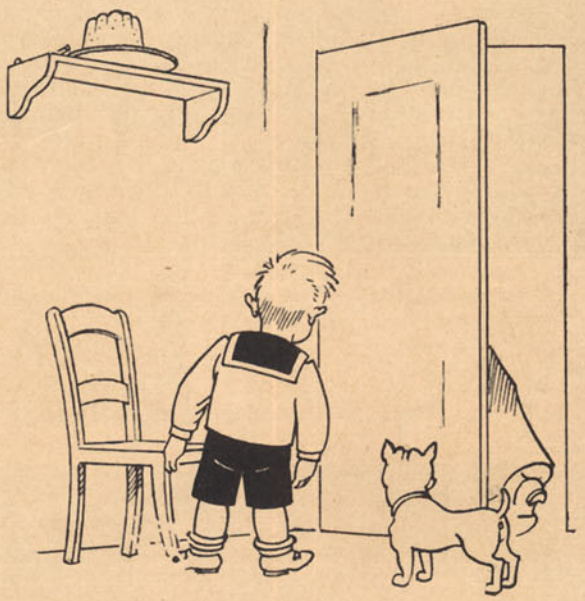
O cedro de Montigny-Lencoup, considerado a mais bela árvore de tôda a França

Pagína Infantíl

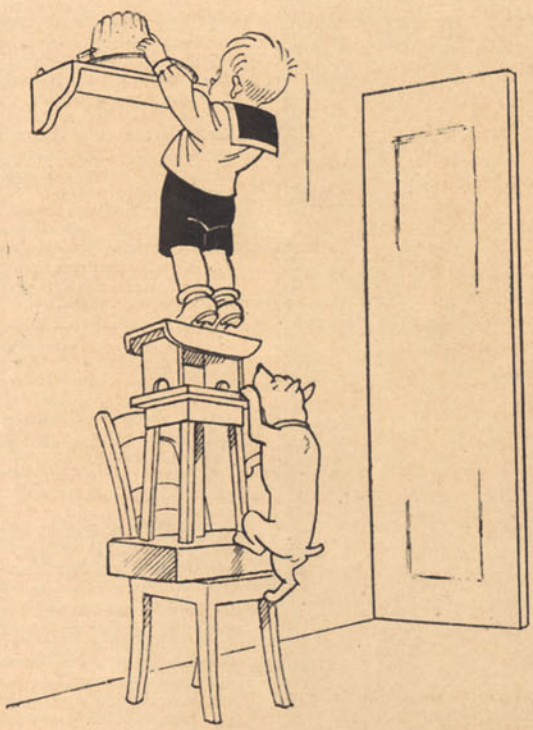
„É preciso obedecer!"



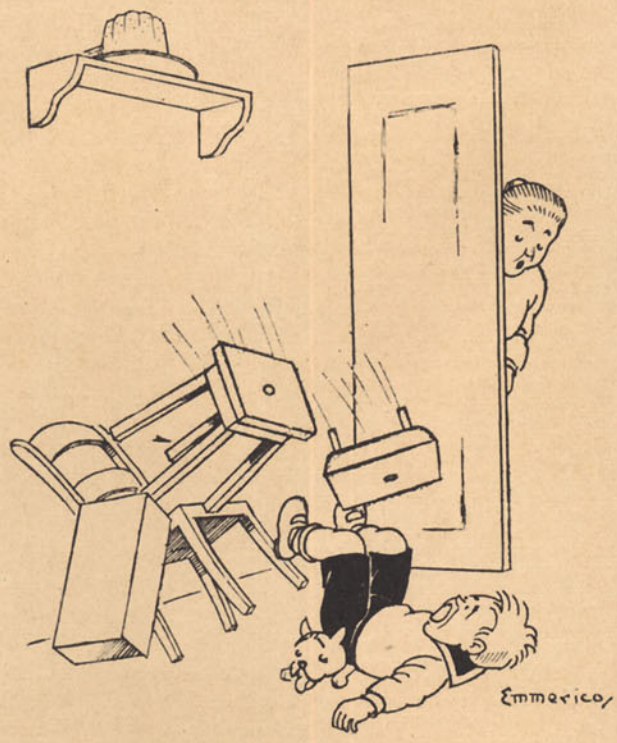
Dizia a mamã ao Quim,
Tratando de acautelar:
— Fiz agora êste pudim,
Mas é p'ra logo, ao jantar!...



Mal volta costas, o Quim
Segreda para o Totó:
— Vamos lá ver se o pudim
É pudim ou pão de ló!



Mestre de obras consumado,
O Quim armou um poleiro...
Totó, prudente, avisado,
Deixa o Quim subir primeiro.



Quando ia a tirar a prova
Se é pudim, se é pão de ló,
Desaba, qual casa nova,
Sôbre o lombo do Totó.

PORTUGAL D'ALEM MAR

DR. FRANCISCO MARTINS

Delegado eleito por Cabo Verde ao Conselho Superior das Colónias

DR. PRAZERES DA COSTA

Delegado eleito pelo Estado da Índia ao Conselho Superior das Colónias

SEBASTIÃO JOSÉ BARBOSA

Delegado eleito por S. Tomé e Principe ao Conselho Superior das Colónias

O Orfeão Português, de Lourenço Marques

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 25)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

O vago reflexo de um esplendor de que ainda se recordavam, uma repetição descorada e muito diluída do que tinham visto na velha e orgulhosa Londres — não, por certo, numa coroação real, mas numa posse de Lord Mayor — se poderia descortinar nos costumes que nossos maiores instituíram para a instalação anual dos magistrados. Os pais e fundadores da república — o estadista, o padre, e o soldado — achavam de seu dever assumir nessa ocasião o estado e majestade anteriores de que, em conformidade com o uso antigo, se julgava próprio revestir a eminência pública ou social. Saíam todos a passar em cortejo ante os olhos do povo, porque era preciso conferir dignidade à singela estrutura de um govêrno de tão recente construção.

Neste dia se deixava, também — ainda que se não ordenava — que o povo interrompesse a sua aplicação, tão severa e continuada, aos vários modos do seu duro trabalho, que, em tôdas as outras ocasiões, pareciam da mesma matéria e qualidade que a sua religião. Aqui, é certo, não havia nenhum dos divertimentos que a alegria popular tão fàcilmente encontraria na Inglaterra do tempo de Isabel ou do de Diogo — nenhum rude teatrinho; nenhum menestrel, de harpa e lendária balada, nem músico com seu macaco dançante; nenhum pelotiqueiro, com suas sortes de bruxaria mímica; nenhum chocarreiro a alegrar a multidão com gracejos, porventura já seculares, mas que ainda produziam efeito, por fazerem apêlo às grandes fontes do sentimento do ridículo. Todos êsses mestres dos vários ramos da jogralidade teriam sido severamente reprimidos, não só pela disciplina rígida da lei, mas pelo sentimento geral, que dá às leis a sua vitalidade. Todavia, o rosto grande e honesto do povo sempre sorria — com certa gravidade, mas sinceramente. Também não faltavam entretenimentos que os colonos tinham visto, e em que tinham tomado parte, nas feiras rurais e nos rossios das aldeias da Inglaterra, e que se achava bem que se mantivessem neste solo novo, por causa da coragem e virilidade que neles eram essenciais. Viam-se aqui e ali pela praça certames de luta, das diferentes maneiras da Cornualha e do Devonshire; a um canto havia um combate amigável de pau; e — o que despertava maior interêsse — na plataforma do pelourinho, já tão falada nestas páginas, dois mestres de esgrima começaram uma exibição com escudo e espada. Mas, com grande contrariedade do povo, êste último espectáculo foi interrompido pela intervenção do bedel da cidade, que não tinha intenção de permitir que se violasse a majestade da lei, abusando por aquela forma de um de seus lugares consagrados.

Não será de mais afirmar, de modo geral — visto que o povo se encontrava então nos primeiros graus do temperamento triste e era filho de gente que soubera, em seu tempo, ser alegre — que se poderia comparar favoràvelmente, em matéria de emprêgo dos dias de festa, com os seus descendentes, mesmo à distância em que estamos. Sua posteridade imediata, a geração que se seguiu à dos primeiros immigrantes, já tinha a mais negra côr puritana, e a tal ponto escureceu a fisionomia nacional, que nem todos os anos subseqüentes teem bastado a aclará-la. Temos ainda que tornar a aprender a esquecida arte da alegria.

O quadro de vida humana que se observava na praça do mercado, ainda que a sua côr dominante fôsse o cinzento, o castanho ou o negro tristes dos immigrantes inglêses, era contudo animado por outras côres. Um bando de índios — com seu luxo selvático de vestes de pele de corça bordadas, de cintos de búzios, de oca vermelha e amarela, e de penas, e armados de arco e setas e de lanças de ponta de pedra — formava um grupo à parte, com rostos de gravidade inflexível, que até excedia o mais que o aspecto puritano poderia atingir. Mas, por bárbaros que fôssem estes selvagens pintados, não constituíam êles a parte mais bárbara daquele quadro. Essa distinção podia com mais justiça conferir-se a alguns marinheiros — da tripulação do navio que viera do Mar de Espanha — que tinham vindo a terra a ver as festas do Dia da Eleição. Eram bandidos de aspecto brutal, de rostos queimados do sol, e com barbas imensas; traziam as calças, curtas e largas, seguras por meio de cintos, muitos dêles presos por fivela de ouro maciço, e dos quais pendia sempre uma comprida faca, e, nalguns, uma espada. Por baixo dos chapéus de aba larga, de fôlha de palmeira, luziam olhos que, mesmo quando afáveis ou alegres, não perdiam uma espécie de ferocidade animal. Transgrediam, sem receio nem escrúpulo, as regras de procedimento a que todos os mais se submetiam: fumavam mesmo ao pé do bedel, quando, se um citadino o fizesse, cada fumaça lhe custaria um xelim de multa; e bebiam, a seu talante, grandes tragos de vinho ou de aguardente, de borrachas que traziam consigo, e que livremente ofereciam à multidão atónita que os cercava. Era um facto que bem caracterizava a moral imperfeita daquela época, a que chamamos rígida, o de ter a classe marítima grande liberdade, ou licença, não só para seus desvarios em terra, mas também para actos muito mais violentos que no seu próprio elemento praticava. Um simples marinheiro daqueles tempos não andaria longe, nos nossos, de ser classificado como pirata. Não poderia haver dúvida, por exemplo, de que a tripulação dêste mesmo barco, ainda que a não compusessem exemplares desfavoráveis da classe marítima, se tinha tornado culpada, como hoje diríamos, de assaltos ao comércio espanhol que lhes poriam os pescoços em risco num tribunal de nossos dias.

Mas o mar, nesses antigos tempos, ondulava, empolava-se, espumava, muito à sua vontade, ou sujeito só ao vento tempestuoso, quási sem nenhuma tentativa de homens para lhe dar leis. O corsário do mar podia deixar o seu ofício e passar logo a ser, em terra, se quisesse, homem de probidade e devoção; e mesmo em pleno curso da sua vida desregrada, não era tido por pessoa com quem ficasse mal a um homem ter negócios ou mesmo temporàriamente associar-se. Os anciãos puritanos, com suas capas pretas, peitilhos engomados, e chapéus em chaminé, não deixavam, pois, de sorrir condescendentemente ao clamor e rudeza dêstes alegres marinheiros; e não houve motivo para surprêsa ou reparo quando se viu um cidadão de tão bom nome como o velho físico Roger Chillingworth entrar na praça do mercado em conversa íntima e familiar com o comandante do navio suspeito.

Era o comandante, e de muito, a mais vistosa e brilhante figura, no que dizia respeito a vestuário, que se podia ver entre a multidão. Trazia abundância de fitas pelo fato, e de rendas de ouro no chapéu, que era também circundado por uma corrente de ouro, e encimado por

uma pena. Tinha uma espada ao lado, e na testa uma cicatriz, que, pelo modo como arranjava o cabelo, parecia antes querer mostrar que esconder. Mal poderia um homem da terra aparecer com êste vestuário e mostrar esta cara, e usar um e mostrar outra com tanta galhardia, sem que sofresse um severo interrogatório de um juiz, e provàvelmente uma multa ou um tempo de prisão, ou talvez uma exibição no pelourinho. Porêm no mestre do navio, tudo isso passava por tão próprio como num peixe as escamas luzidias.

Depois de separar-se do físico, o comandante do navio de Bristol vagueou indolentemente pela praça; até que, acontecendo-lhe aproximar-se do lugar onde estava Hester Prynne, pareceu reconhecê-la e não hesitou em se lhe dirigir. Como sempre acontecia onde se encontrava Hester, tinha-se formado em tôrno dela um pequeno espaço vago — uma espécie de círculo mágico — para onde, ainda que o povo se acotovelasse a pequena distância, ninguém ousava, ou se sentia disposto, a entrar. Era um sinal bem vivo da solidão moral em que a letra encarnada envolvia a sua portadora; em parte pela própria reserva desta, em parte pela retirada instintiva, se bem que já menos desamorável, dos seus semelhantes. Agora, se nunca até ali, êsse afastamento serviu a um bom fim, permitindo que Hester e o marinheiro pudessem falar sem risco de serem escutados; e tão mudada estava a reputação de Hester ante o público, que nem a matrona mais eminente na cidade pela sua moral rígida poderia ter tido essa conversa com menos risco de escândalo do que ela.

— Então, senhora — disse o marinheiro — terei que dizer ao dispenseiro que apronte mais um beliche que os que vós tratastes! E não há que ter mêdo de escorbuto ou de febres nesta viagem. Com o cirurgião de bordo e êste outro físico, não haverá perigo senão de droga ou pílula; e tanto mais que há a bordo muitas cousas de botica, em que fiz negócio com um navio espanhol.

— Que quereis dizer? — perguntou Hester, mais sobressaltada do que deixou transparecer. — Tendes mais algum passageiro?

— ¿Pois não sabeis — exclamou o mestre — que êste físico daqui — Chillingworth diz êle que se chama — também tenciona experimentar os meus camarotes? Sim, sim, deveis sabê-lo; pois êle me disse que ia convosco e que é grande amigo daquele senhor de que me falastes — o que se teme dêstes velhos e azedos governantes puritanos.

— Em verdade conhecem-se bem um ao outro — respondeu Hester com ar de serenidade, se bem que prêsa da maior consternação. — Há muito tempo que moram juntos.

Nada mais se passou entre o marinheiro e Hester Prynne. Mas naquele instante viu ela o próprio Roger Chillingworth, de pé no canto mais afastado da praça, a olhar para ela e a

sorrir-se; um sorriso que — através da praça grande e ruidosa, de todo o falar e rir, e dos vários pensamentos, estados de ânimo e interêsses da multidão — lhe revelava um propósito secreto e sinistro.

XXII

O CORTEJO

Antes que Hester Prynne tivesse podido voltar de sua surprêsa, e considerar o que poderia fazer neste novo e alarmante aspecto da sua situação, ouviu-se um som de música militar, que vinha de uma rua contígua e se ia aproximando. Êste som indicava o avanço do cortejo de magistrados e cidadãos a caminho da Assembleia; onde, de acôrdo com um costume já então estabelecido, e depois sempre observado, o reverendo sr. Dimmesdale ia pronunciar um Sermão de Eleição.

Não tardou que surgisse a cabeça do cortejo, que, em marcha lenta e majestosa, virou uma esquina e em seguida atravessou a praça do mercado. À frente vinha a música. Compunha-se de variedade de instrumentos, talvez imperfeitamente adaptados uns aos outros, e tocados sem grande perícia; mas que, entretanto, atingiam o grande objecto para que a harmonia de tambor e clarim se dirige à multidão — o de dar carácter mais alto e heróico à scena que ante ela passa. A pequenina Pearl, a princípio, bateu as palmas, mas logo a seguir perdeu por um instante a agitação irrequieta que a mantivera em constante efervescência tôda aquela manhã; olhou em silêncio, e parecia ser erguida ao alto, como ave marinha que flutua, nas grandes ondas de som. Voltou, porém, a sua anterior disposição quando viu brilhar o sol nas armas e nas couraças luzidias da companhia militar, que vinha logo depois da música, e formava a guarda de honra do cortejo. Êste corpo de soldados — que ainda hoje existe, e que vem marchando desde o passado com antiga e honrada fama — não se compunha de mercenários. Formavam as suas fileiras gentis-homens que sentiam o influxo do ardor marcial, e que tentaram estabelecer uma espécie de Escola de Armas, onde, como numa associação de Cavaleiros Templários, aprendessem a teoria, tanto quanto lha podia ensinar o exercício pacífico, a prática da guerra. O alto conceito em que então era tida a profissão militar via-se bem no altivo porte de qualquer dos membros da companhia. Alguns dêles, em verdade, por seus serviços na Flandres e em outros campos de guerra na Europa, tinham ganho bem o direito de usar do nome e pompa da milícia. E o conjunto da fôrça, vestida de aço brunido, e com plumas a ondular no cimo dos morriões fulgentes, fazia um efeito sobremaneira brilhante, que nenhuma parada moderna pode pretender igualar.

E todavia os homens de eminência civil, que vinham logo depois do acompanhamento militar, eram mais dignos da atenção de um observador reflectido. Mesmo no porte exterior tinham um sêlo de majestade a par do qual o passo altivo do guerreiro parecia vulgar, se não absurdo. Naquela época, o que chamamos talento tinha muito menos consideração que tem agora, porêm os elementos de pêso que produziam estabilidade e dignidade do carácter tinham muito mais. O povo possuía por direito hereditário a qualidade da veneração, que, se porventura ainda sobrevive em seus descendentes, existe neles em muito menor grau, e com muito menos fôrça na escolha e avaliação dos homens públicos. Pode ser que a mudança seja para melhor ou para pior, ou, talvez, em parte num, em parte no outro sentido. Naqueles antigos tempos, o colono inglês que vinha estabelecer-se nestas rudes paragens — tendo deixado na terra natal o rei, os nobres, e todos os graus de uma respeitável hierarquia quando ainda estava nêle viva a faculdade e a necessidade da veneração — dava-a às cãs e às rugas da velhice — à integridade provada — à prudência sólida e à experiência amargurada — às qualidades daquela natureza grave e pesada que dá a idea de permanência, e a que se aplica a definição geral de respeitabilidade. Por isso aqueles primitivos estadistas — Bradstreet, Endicott, Dudley, Bellingham, e seus pares — que subiam ao poder pela escolha do povo, parecem ter sido só raras vezes brilhantes, mas caracterizados por uma ponderada sobriedade, mais que por actividade, de pensamento. Tinham fortaleza e confiança em si mesmos e, em ocasiões de dificuldades ou de perigo, erguiam-se em defesa do bem do Estado como uma linha de recifes contra a violência da maré. Os traços de carácter que acabamos de indicar revelavam-se bem no tipo quadrado do rosto e no grande desenvolvimento físico dos novos magistrados coloniais. Pelo que é de um porte de natural autoridade, não tinha a mãe-pátria de que se envergonhar se visse estes homens

principais de uma verdadeira democracia admitidos na Camara dos Pares ou a formar o Conselho Privado do Rei.

Logo a seguir aos magistrados vinha o jovem e eminentemente distinto sacerdote de cujos lábios se esperava o discurso do aniversário. Nesse tempo, a superioridade intelectual revelava-se muito mais na sua profissão que na vida politica; pois que — não falando já num motivo de ordem superior — esta profissão oferecia, no respeito, e quási veneração, da comunidade, atracção assaz forte para chamar a seu serviço as ambições mais difíceis de contentar. Até o poder politico — como no caso de Increase Mather — não estava fora do alcance de um padre de grande fama.

Observavam aqueles que estavam agora a olhar para o sr. Dimmesdale que nunca, desde que pusera pé na Nova Inglaterra, tinha êle revelado tanta energia como a que se lhe via no porte e na atitude em que acompanhava o cortejo. Não se lhe notava a tibieza de passo das outras ocasiões; não ia curvado, nem pousava a mão ominosamente sôbre o coração. Todavia, a quem reparasse bem, esta fôrça não parecia ser do corpo. Poderia ser espiritual, e comunicada por influxo angélico. Poderia ser a animação daquele licor potente que só se distila ao lume do pensamento concentrado e continuo. Ou porventura seu temperamento sensivel cobrava fôrça da música alta e estridente que subia para o céu e o erguia em sua onda ascendente. Porém, tão abstracta era a sua atitude, que se poderia duvidar se o sr. Dimmesdale sequer ouvia a música. Lá ia o corpo, avançando sempre, com fôrça desacostumada. Mas o espirito, onde estava? Muito ao fundo de sua região própria, ocupando-se, com sobrenatural actividade, em dispor um cortejo de pensamentos sublimes que em breve dali emanariam: por isso nada via, nada ouvia, de nada tomava conhecimento, de quanto o cercava; mas o elemento espiritual travara do corpo fraco e o ia conduzindo, sem sentir o pêso, e convertendo-o em sua própria substância espiritual. Os homens de inteligência invulgar, quando enfermos, possuem êste poder ocasional de um esfôrço enorme, no qual concentram a vida de muitos dias, ficando depois sem vida durante outros tantos.

Hester Prynne, olhando fixamente para o padre, sentiu vir sôbre ela uma influência desoladora, mas porquê ou donde, não sabia, a menos que não fôsse por êle parecer estar tão longe da esfera dela, e inteiramente fora de seu alcance. Esperava que um olhar de reconhecimento forçosamente se trocasse entre ambos. Pensava na floresta sombria, com o seu vale solitário, e o amor, e a angústia, e o tronco coberto de musgo, onde, sentados de mãos dadas, haviam trocado falas tristes e apaixonadas, ao murmúrio melancólico do regato. Quão profundamente se haviam então conhecido! E era êste homem? Mal o conhecia agora! ¡Tão altivamente passava, envolvido, por assim dizer, na música solene, com o cortejo de anciãos majestosos e venerandos; tão inatingível na sua situação exterior, e ainda mais naquela distante perspectiva de seus alheados pensamentos onde agora o via! Sucumbiu, ao pensar que tudo deveria ter sido um sonho, e que, por vividamente que o tivesse sonhado, nenhum laço podia haver entre ela e o padre. E Hester era bastante mulher para que mal pudesse perdoar-lhe — sobretudo agora, que os pesados passos do Destino de ambos se ouviam aproximar, mais perto, mais perto, cada vez mais perto! — que êle assim pudesse tão completamente retrair-se do mundo de sua mútua afeição, emquanto ela o buscava nas trevas, estendendo as mãos frias, e o não encontrava.

Pearl ou via as emoções da mãe e lhes correspondia, ou por si mesma sentia a distância e intangibilidade que entre elas e o padre se interpusera. Emquanto passou o cortejo, a criança manteve-se agitada, mexendo-se como ave que vai voar. Quando tudo acabou de passar, olhou para o rosto de Hester.

— ¿Mãe — disse ela — aquele era o mesmo padre que me deu o beijo ao pé do regato?

— Cala, pequenina querida — segredou a mãe. — Nem sempre devemos falar na praça do que nos acontece na floresta.

— Não fiquei certa se era êle — tão diferente parecia — continuou a criança. — Se tivesse tido a certeza, teria corrido para êle, a pedir-lhe que me beijasse aqui, diante de tôda a gente; um beijo como o que êle me deu lá, entre as árvores escuras. Que diria êle, mãe? ¿Era capaz de pôr a mão em cima do coração, e de ficar zangado comigo, e de me mandar embora?

— ¿Que diria êle, Pearl — respondeu Hester — senão que não era ocasião de beijos e que não é na praça que êles se dão? Ainda bem para ti, tolinha, que lhe não fôste falar!

Outra forma do mesmo sentimento, em referência ao sr. Dimmesdale, foi expressa por uma pessoa cujas excentricidades — ou, com o têrmo próprio, cuja loucura — a levaram a fazer uma cousa a que poucos dos citadinos se aventurariam — conversar em público com a portadora da letra encarnada. Era a senhora Hibbins, que, em trajo da maior sumptuosidade, com tripla gola de rufos, corpete bordado, vestido de veludo rico, e bengala de castão de ouro, saira à rua para ver o cortejo. Como esta velha senhora tinha a fama (que depois lhe custou nada menos que a vida) de ser uma das pessoas que mais intervinham nos actos de nigromância que continuamente se praticavam, a multidão logo lhe deu passagem, parecendo temer o contacto de suas roupas, como se nas opulentas dobras lhe levassem a peste. Vista junto de Hester Prynne — a pesar da benevolência que muitos já dispensavam a esta — o mêdo que a senhora Hibbins inspirava redobrou, e determinou um movimento geral de afastamento do lugar onde estavam as duas mulheres.

— Ora, que imaginação mortal o poderia conceber! — segredou a velha senhora, confidencialmente, a Hester. — Aquele homem piedoso! Aquele santo na terra, como lhe chama o povo, e como — devo confessá-lo — realmente parece! Qual das pessoas que o viram passar no cortejo poderia pensar que ainda há pouco êle saiu do seu gabinete a mastigar um passo hebreu da Escritura, tenho a certeza — para dar um passeio na floresta! Aha! nós sabemos o que isso quer dizer, Hester Prynne! Mas em verdade, em boa verdade, custa a crer que seja o mesmo homem! Muitos padres tenho eu visto passar nos cortejos atrás da música, que já teem dançado na mesma dança que eu, quando Alguém toca a rabeca, e algum feiticeiro índio ou mago da Lapónia nos dá a mão na roda! Não é cousa de que se admire uma mulher que conhece o mundo. Mas êste padre! Estás bem certa, Hester, de que foi êste mesmo homem que te encontrou na vereda da floresta?

— Senhora, não sei de que falais — respondeu Hester Prynne, reconhecendo que a senhora Hibbins não estava em seu juizo; mas ao mesmo tempo singularmente sobressaltada e apavorada pela convicção com que ela afirmava haver relações pessoais entre tantas pessoas (entre as quais ela mesma) e o Anjo Mau. — Não me cabe a mim falar de ânimo leve de um Ministro do Verbo, tão sábio e tão piedoso como é o reverendo sr. Dimmesdale.

— Ora, mulher, ora! — exclamou a velha senhora, abanando o dedo para Hester. — Crês tu que eu, que tanta vez tenho estado na floresta, não tenho artes de saber quem mais é que lá tem estado? Sim, mesmo que não lhes tenha ficado no cabelo uma só fôlha das grinaldas com que dançaram! A ti reconheço-te eu, Hester, porque vejo o sinal. Todos o podem ver à luz do sol; e no escuro brilha como uma chama vermelha. Tu o usas abertamente, por isso de ti não poderá haver dúvida. Mas êste padre! Deixa que to diga ao ouvido! Quando o Homem Negro vê algum de seus servos, assinalado e selado, tão pouco pronto a confessar o pacto como o reverendo sr. Dimmesdale, tem maneiras de arranjar as cousas, para que o sinal seja descoberto em pleno dia, e aos olhos do mundo inteiro! Que é que o padre quer esconder com a mão sempre sôbre o coração? Há, Hester Prynne!

— Que é, boa senhora Hibbins? — perguntou a pequenina Pearl, ansiosamente. — Já viste o que era?

— Descansa, amorzinho! — respondeu a senhora Hibbins fazendo uma grande mesura a Pearl. — Tu mesma o hás de ver, mais cedo ou mais tarde. Dizem, pequena, que tu és da linhagem do Príncipe do Ar! Queres tu ir a cavalo comigo, qualquer noite bonita, ver o teu pai? Então saberás porque é que o padre tem sempre a mão sôbre o coração! *(Continua.)*

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 25)

■	■	■	G	E	■	■	■	■	A	S	■	■	■
■	■	M	I	R	A	■	■	A	L	A	S	■	■
■	B	A	N	A	N	A	■	A	M	E	L	I	A
C	O	R	■	R	E	S	A	R	A	S	■	A	R	A
M	A	R	F	I	M	■	■	■	R	I	A	M	O	S
■	S	A	L	O	I	O	■	G	R	A	D	E	S	■
■	■	R	A	■	A	■	■	■	A	■	O	Z	■	■
■	■	■	U	■	■	■	■	■	■	■	R	■	■	■
■	■	A	T	■	L	■	■	■	P	■	A	L	■	■
■	A	R	A	M	I	S	■	C	A	L	D	A	S	■
C	R	I	S	E	S	■	■	■	T	O	A	D	A	S
C	A	N	■	S	U	M	A	T	R	A	■	R	E	I
■	■	T	I	A	R	A	■	I	O	N	I	A	■	■
■	C	O	R	D	A	■	■	■	A	D	O	R	A	■
■	■	■	■	A	■	■	■	■	A	■	■	■	■	■

■ ■ ■

SCIÊNCIA UNIVERSAL

O mestre: — Dize lá Chico, o que é um cabo?

Chico: — Um cabo é um pedaço de terra que se estende pela água dentro.

O mestre: — Muito bem. Agora tu, Zéca, descreve o que é um golfo.

Zéca: — Um golfo é um pedaço de água que se estende pela terra dentro.

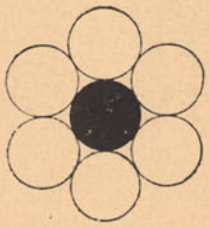
O mestre: — Perfeitamente. E tu, Carlitos, — *(para um pequenito muito atento e de olhar vivo)* — és capaz de me dizer o que é uma montanha?

Carlitos: — Uma montanha é um pedaço de terra que se estende pelo ar acima.

■ ■ ■

AS SEIS MOEDAS

(Problema)



Ponham seis moedas sôbre a mesa. Podem ser de 20 centavos, de 50 ou de 1 escudo, o valor é indiferente, contanto que sejam de igual tamanho. Disponham essas moedas conforme indicam os seis circulos brancos da gravura, de modo que, se aparecesse uma sétima moeda (o circulo preto), esta se pudesse ajustar perfeitamente no centro. É forçoso conseguir isto com a maior exactidão, sem depender da vista. Não é permitido levantar nenhuma moeda da mesa — nêsse caso o problema deixaria de o ser — nem tão pouco tomar qualquer medida, ou fazer qualquer marca.

Com as seis moedas apenas, o problema tem de ser resolvido.

■ ■ ■

— Meu pai só pezava um quilo, quando nasceu.

— Ah! e viveu?

Faltam aqui mais seis membros dêste pic-nic *que fugiram com o susto. Onde andarão eles?*

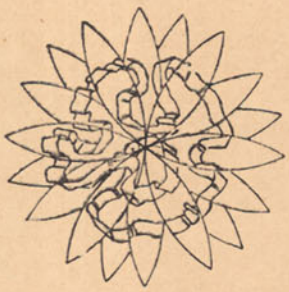
— Olhe! vê, meu pai, toquei esta peça tôda sem música!

— Hum! Lá me parecia que faltava alguma cousa.

■ ■ ■

A FITA

(Solução)

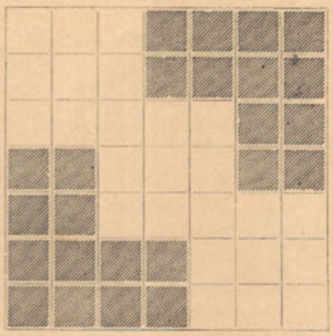


Aqui estão as três estrêlas sobrepostas, vendo-se a fita sem solução de continuidade.

■ ■ ■

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



V	V	O	O	O
O	Z	Z	P	A
A	A	A	A	A
G	G	L	L	M
R	R	E	E	U

Definições:

Pastor. — Espaço ocupado por qualquer coisa. — Tempo de um verbo. — Localidade. — Acusado. — Som da laringe. — O que usam os membros das irmandades. — Antepassado. — Têrmo de aritmética.

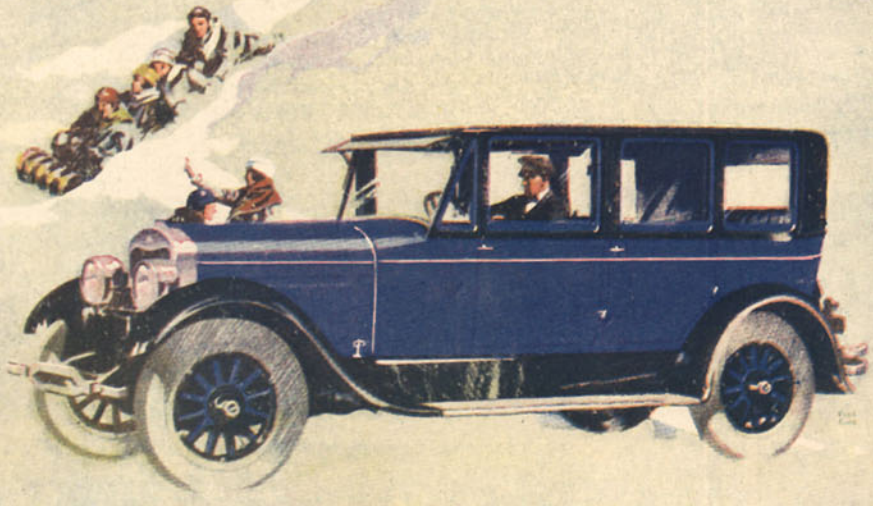
MAGAZINE BERTRAND

20.000 vendidos em 3 dias!

A publicação mais interessante e instrutiva que deve entrar em todos os lares!

BERTRAND IRMÃOS, LDA

+ GRANDES + ATELIERS +
+ DE + GRAVURA +
T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

LINCOLN

O conforto que gosa quem viaja num LINCOLN sobrepuja tudo o que até agora se considerava o maximo de comodidade dum automovel.